António Manuel Couto Viana

# Lendas do Vale do Lima

Ilustração de António Vaz Pereira



Valima

**António Manuel Couto Viana**, poeta, dramaturgo, ensaísta, memoralista, gastrólogo e autor de livros para crianças, nasceu em Viana do Castelo em 1923. Fez os seus estudos em Viana do Castelo, Braga, Lisboa e Veneza (Itália).

A sua estreia literária fez-se em 1948 com o livro de poemas *O Avestruz lírico*, mas já escrevia desde 1943, pelo menos, em jornais locais de Viana, Braga, Valença e Lisboa.

Dirigiu com David Mourão-Ferreira e Luiz de Macedo as folhas de poesia *Távola Redonda* e em 1956-1957 a revista de cultura *Graal*. Fez parte do conselho de redacção da revista *Tempo Presente* em 1959-1961.

Publicou, até hoje, mais de uma centena de obras, sobretudo de poesia, tendo algumas delas obtido honrosos prémios oficiais. Recentemente, o livro *Cancioneiro do Rio Lima* (2001), juntou-o a outros 34 poetas, clássicos, modernos e pós modernos, minhotos e passantes cativados pelo Minho e a quem o Rio Lima desencadeou a expressão lírica mais sentida e profunda.

Desde cedo que se interessou pelo teatro, tendo colaborado no Teatro Estúdio de Salitre (1948-1950) como actor, cenógrafo e encenador. Foi empresário e actor do Teatro do Gerifalto (1956-1974), da Companhia Nacional de Teatro (1961-1965) e Mestre de Cena do Teatro Nacional de São Carlos. Encenou espectáculos de teatro para a televisão e interpretou alguns filmes nacionais e estrangeiros.

Uma boa parte da sua actividade teatral como actor, encenador e autor dirigiu-se às crianças, porventura reflexo da sua obra poética retractar um paraíso infantil perdido. Para além da poesia e do teatro dedicou-se também à literatura infantil, através de ensaios, escrita e tradução de livros. Dirigiu, entre outras publicações infanto-juvenis, a publicação *Camarada* (1949-1951).

Pertence ao Conselho de Leitura dos Serviços de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian.

Possui o Grande Oficialato da Ordem do Infante Dom Henrique e é "cidadão de mérito" de Viana do Castelo.

Em *"Lendas do Vale do Lima"*, António Manuel Couto Viana realça o lirismo e o sentido épico das lendas e narrativas originárias dos quatro concelhos do Vale do Lima, característica de quem é detentor de uma obra que procura reabilitar o culto do passado, da paisagem e dos amores tímidos.

António Manuel Couto Viana

Para a Ana Rita, com um beijinho

# Lendas do Vale do Lima

Ilustração de António Vaz Pereira



2002
Valima

# Sumário


5 | Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima

6 | Limiar

10 | Lenda da Serra de Arga

13 | Lenda da Serra da Nó

16 | Lenda da Mal Degolada

19 | Lenda do Monte da Dor

22 | Lenda das Cinco Badaladas

26 | Lenda do Pátio da Morte

29 | Lenda da Cabeça da Velha

32 | Lenda da Fidalga Branca

36 | Lenda das Unhas do Diabo

38 | Lenda de D. Sapo

40 | Lenda das Bodas do Cemitério

43 | Lenda da Pieira de Lobos

47 | Lenda do Galgo Preto

50 | Lenda do Poço da Liteira

53 | Lenda de Viana

56 | Lenda do Rio Lima

59 | Lenda do Rio Neiva

62 | Lenda do Juiz do Soajo

65 | Lenda da Luta Fratricida

68 | Lenda das Pegadas do Santinho

72 | Lenda da Veiga da Matança

74 | Lenda da Moira Encantada de Giela

77 | Lenda do Mosteiro de Ermelo

80 | Lenda dos Baptizados da Meia-Noite




## VALIMA - ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS DO VALE DO LIMA

A VALIMA - Associação de Municípios do Vale do Lima, foi constituída a 13 de Maio de 1994 pelos quatro municípios do Vale do Lima - Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo, de forma a tornar possível a concretização de iniciativas de interesse comum aos quatro municípios, nomeadamente: tratamento automático da informação; programação financeira e organização administrativa; planeamento territorial, política de habitação e de transportes públicos; saneamento básico, abastecimento de água, tratamento de lixo e protecção do ambiente; desenvolvimento sócio-cultural; desenvolvimento económico; obras municipais, representação colectiva dos municípios e quaisquer outras de interesse intermunicipal.

No que se refere a iniciativas de desenvolvimento e promoção cultural, a VALIMA levou a efeito, até ao momento, as seguintes acções:

Em 1995, em colaboração com as Bibliotecas Municipais, lançou uma campanha de promoção do livro e da leitura, sob o lema "O Livro é um Amigo", da qual fez parte também, a realização de uma série de encontros literários dirigidos sobretudo às crianças em idade escolar. No ano de 1996, patrocinou a quarta edição fac-similada do *Roteiro da Ribeira Lima que o Conde d'Aurora escreveu*, apoiando assim uma iniciativa da LIMICI - Associação para a Defesa do Ambiente e do Património Cultural de Ponte de Lima. Em 1997, adquiriu 50 stands de exterior para apoio à realização de feiras e exposições de âmbito cultural, realizadas anualmente pelos seus municípios, nomeadamente feiras do livro, responsabilizando-se, desde então, pela sua gestão e manutenção. Em 1998 levou a efeito o Programa de concertos musicais *Sons da História*, em monumentos de interesse histórico dos quatro concelhos do Vale do Lima. No final, foi editada uma colecção limitada de postais e ampliações, com base num registo fotográfico a preto e branco desses monumentos. Em 1999, realizou e apoiou um conjunto de iniciativas de promoção das Artes e Produtos Tradicionais do Vale do Lima, inseridas no projecto PROARTIS. Em 2000, ainda nesse âmbito, editou um roteiro bilingue (português/inglês) denominado *Cores, Sabores e Tradições*, que propõe ao leitor dez percursos ao longo dos quatro concelhos do Vale do Lima baseados nas tradições locais.

A presente colectânea, *Lendas do Vale do Lima*, da autoria de António Manuel Couto Viana e ilustração de António Vaz Pereira, reúne vinte e quatro lendas e narrativas originárias de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo. Trata-se de um contributo da VALIMA para a reabilitação das lendas e narrativas locais e para o seu conhecimento e divulgação, em particular, junto dos leitores mais jovens.

# LIMIAR

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

Rio Lima, rio de lenda.

O Vale por onde desliza, preguiçoso, é todo ele, também, manancial abundante de lendas doces, que ecoam, ainda, nas montanhas em redor, vão beber mais encantamento e sortilégio em dois outros rios, quer da margem direita, quer da margem esquerda, ou seja o Vez e o Neiva, num alargar da paisagem limiana, toda ela exalando bucolismos de égloga pastoril.

Lendas, muitas, de moiros soberbos e moiras fascinantes, outras de damas e fidalgos de solar, poucas de povo humilde.

Aparições e maldições, dando nome a fantasmas, pedras, montes, poços, ruínas e sítios mágicos e de milagre.

Algumas, talvez criadas pela caneta de escritor destas bandas, como o Conde de Bertiandos, autor do livro *Lendas*, onde a *Lenda do Galgo Preto*, das mais belas da pequena obra, inspirando, até, a lira de António Ferreira que a transpõe para verso lapidar, é totalmente desconhecida da tradição local, levando-me, pois, a concluir não ser ela mais do que a feliz invenção do talento brilhante do fidalgo pontelimês.

Quanto à *Lenda das Bodas do Cemitério*, incluída no mesmo livro, creio tê-la o escritor encontrado, não na oralidade das gentes da Ribeira-Lima, mas sim numa balada gótica da *Harpa do Crente*, de Alexandre Herculano, intitulada *A Noiva do Sepúlcro*, "imitado do inglês".

O enredo de ambas é, no essencial, o mesmo, com alguns nomes dos protagonistas curiosamente iguais: D. Soeiro, o alcaide, e Dulce que, na balada, é a castelã, e, no texto de *Lendas*, a aia infiel.

Suponho que o Conde de Bertiandos a passou para prosa e a situou ao rés do Lima graças aos seguintes versos: " Junto à raia de Espanha" e "Cedo se ergue D. Soeiro, /Cavalga no seu cavalo/Por essas margens do Lima/Debaixo de puro céu/O nobre senhor alcaide/À rédea solta correu"...

Igualmente, aquele bizarro episódio da *Lenda do Juiz do Soajo*, em que João Congosta faz assento da sua capa de audiências, ante o desprezo e depois espanto dos magistrados palacianos, se assemelha excessivamente à nobre atitude da angolana rainha Ginga, de visita ao Governador português, que lhe negou cadeira. A rainha chama, então, uma sua escrava, obriga-a a ajoelhar e a apoiar as mãos no chão, sentando-se-lhe nas costas curvadas.

E, ao sair, abandona a escrava ao Governador, dizendo:

- A rainha Ginga jamais leva consigo cadeira em que se sentou.



Eis um facto histórico a gerar, a milhares de quilómetros de distância, nos cimos de uma frondosa montanha sobranceira ao Lima, uma lenda de dignidade!

Quis a VALIMA reunir, num só volume, as 24 lendas conhecidas do Vale do Lima e oferecê-las, sobretudo, à juventude escolar das nossas terras alto minhotas.

E quis entregar tão agradável mas também tão difícil tarefa à minha experiência literária.

Nada me foi mais honroso e mais grato!

Baseado nos textos das *Lendas*, do Conde de Bertiandos, e nos livros *Lendas e Tradições do Alto Minho*, *Lendas Portuguesas e Lendas de Portugal*, respectivamente, de Francisco Pitta, Fernanda Frazão e Gentil Marques, procurei dar-lhes unidade literária, numa escrita simples, clara, acessível e atraente, a modos de conto de antigo serão, ouvido atentamente à lareira familiar, na voz trémula de uma avó.

E, como "quem conta um conto acrescenta um ponto", cedi, por vezes, à tentação de acrescentar ou mesmo modificar um qualquer lance, tornando a lenda mais ao meu gosto, dando-lhe um remate mais sugestivo, mais espectacular, sem, todavia, lhe transformar o cerne do enredo, o valor sagrado da tradição.

Tenho a subida satisfação de ter este texto ilustrado pelo lápis e pelo pincel de um grande artista valenciano, António Vaz Pereira, que, em tantas outras ocasiões, tive por excelente colaborador, quer em páginas de revistas e capas de livros, quer no aparato de um palco.

Impossibilitado, por dever de profissão, de prosseguir a sua actividade artística, durante um largo tempo, privando-nos, assim, da beleza da sua condição de desenhador e pintor, eis que a ilustração destas lendas o trazem de novo à nossa admiração e apreço com a valorização do sonho e da fantasia.

Sonho e fantasia descritos em histórias de amor e ciúme, de violência e vingança, sempre de sangue e paixão, mas sempre, também, de justiça no remorso e na morte.

Sonho e fantasia que constantemente se descobrem neste livro e constantemente se lhe é solicitado, para o apuro da sensibilidade do jovem leitor, permitindo a salvação de um mundo cada vez mais materialista, cada vez mais afastado do espírito e do ideal, cada vez mais ignorante da poesia.

Queira Deus que estas *Lendas do Vale do Lima* cumpram, com rigor, a admirável missão a que foram destinadas.

Casa do Artista
20 de Outubro de 2001

# LENDAS DO VALE DO LIMA

# Lenda da Serra de Arga

Era uma vez um rei chamado Evígio, forte e severo, que ocupava o trono visigótico da Península Ibérica, parte do qual se estendia pelas terras férteis que, séculos mais tarde, iriam constituir Portugal.

Evígio tinha uma filha única, de nome Eulália, muito bela, luz dos seus olhos, prometida por ele em casamento ao valente guerreiro Remismundo, que desejava como seu sucessor. Mas Eulália amava outro.

Amava o jovem Egica, de nobre sangue real, também ele valoroso, é certo, mas cujos amores com Eulália o rei Evígio contrariava, preso ao compromisso tomado com Remismundo.

Porque o coração se lhe negasse a aceitar a decisão paterna, Eulália resolveu fugir com Egica para longe do seu reino, onde encontrassem, juntos, a felicidade desejada.

E, numa certa noite escura, ambos, escapando à vigilância de servos e soldados, cavalgaram livres, para outros lugares mais amáveis.

Ao saber da fuga dos jovens namorados, logo o rei enviou um poderoso exército em sua perseguição. Conscientes dos perigos que corriam, Eulália e Egica procuraram ocultar-se o melhor e o mais breve possível da ira de Evígio.

E, debaixo de uma violenta tempestade, chegaram à vista de uma alta serra, chamada Medúlio, próximo da Galiza, onde fora construído o Mosteiro Máximo, conhecido de Egica, pois ali residia um velho amigo seu, Frei Gondemaro, decerto pronto a acolher, com satisfação e carinho, o par de fugitivos.

Vencendo as fúrias do vento rude e da chuva insistente, não tardaram a bater às portas do Mosteiro e a cingir os braços generosos do monge, que prontamente lhes ofereceu uma mesa abundante e o repouso dos leitos.

A manhã seguinte, trazendo consigo um Sol radioso, desvendou, aos olhos da princesa e do cavaleiro, um panorama deslumbrante de campos semeados, densos e verdes arvoredos, águas rumorejantes de riachos, rebanhos brancos de ovelhas, o mugido melancólico dos bois, um pulsar de vida selvagem entre as brenhas, uma festa de pássaros nos ares.

E Eulália, encantada com o que via, exclamou:

- Porquê, chamar Medúlio ao esplendor e prosperidade desta serra, e não Agro, como merece?



Respondeu-lhe o irmão Gondemaro:
- Razão tendes. Pois toda esta riqueza se deve ao trabalho agrícola, de Sol a Sol, dos nossos bons monges que a cultivam sem fadiga e com muito amor.
Rogou-lhe, então, o par enamorado que, nesse dia magnífico, Gondemaro o casasse, antes que os homens de Evígio o descobrissem e levassem prisioneiro.
Fez-lhe o frade a vontade, no segredo do altar florido, ante a bênção da cruz sagrada.
Depois, Eulália e Egica partiram para novo reino, ainda mais distante do poder do rei ofendido.
Mas Eulália, ainda que junto do seu amado, sofria de saudade do pai e da sua pátria, e levava os dias em lágrimas.
Até que chegou, por fim, ao castelo onde o casal morava, o velho monge do Mosteiro Máximo.
Vinha exausto da viagem penosa, tão demorada e tão cheia de perigos.
Mas trazia boas notícias!
O rei Evígio, também saudoso da filha querida, estava pronto a perdoar a desobediência e a fuga, se Eulália lhe desse um neto varão, que viesse alegrar-lhe a velhice e herdar-lhe a pesada coroa.
Não tardou muito que a princesa embalasse nos braços um filho, para o perdão do rei e o regresso feliz dos exilados.
Porém, antes de alcançarem o palácio de Evígio, perante a estima e o respeito de todos, quiseram voltar àquela altiva serra, onde haviam casado, chamada, agora, Serra de Arga, pois o povo, na sua ignorância, havia deturpado para Arga a palavra Agro, raiz da palavra Agricultura, com que Eulália justamente a apelidara.
E assim a Serra ficou chamada até aos nossos dias, com a beleza da sua paisagem doce e agreste, cada vez mais fecunda e arroteada, com o bulício da sua fauna e pujança da sua flora, recebendo os louvores entusiásticos de quem lhe sobe aos altos e lhe desce aos vales, na devoção das romarias, escutando o balir manso dos rebanhos, o reboar dos sinos, o estrondo dos foguetes na lisura dos céus.



## Lenda da Serra da Nó

Era uma vez um jovem rei moiro, Abakir, ambicioso e apaixonado, que dominava um vasto território de montes densos de pinheiros e castanheiros, de vales arados e amenos, por onde escorria um rio claro e lento, chamado Lima.
Um dia, entregue aos prazeres da caça, que por ali havia abundante, rodeado por guardas, falcoeiros e cães de raça, eis que se lhe depara, guardando um pequeno rebanho de ovelhas, uma rapariga formosíssima, com umas negras tranças coroadas de papoilas vermelhas.
A beleza desta imagem logo entrou no coração do rei, sempre pronto a ceder aos encantos femininos.
E, aproximando-se da pastora, logo lhe rogou, com palavras ardentes, que o seguisse para o seu soberbo castelo, edificado na Serra da Nó, onde passava o mais aprazível do seu tempo e onde a receberia por esposa entre muitas outras que a sua religião lhe permitia desposar.
Mas a pastora, cujo nome era Zuleima, negou-se a acompanhá-lo, dizendo que não trocaria a sua vida, embora humilde, pelas maiores riquezas do mundo.
Indignado com tal recusa, Abakir ordenou aos guardas que prendessem a rebelde e a levassem, à força, para o seu castelo altaneiro.
Só a soltaria quando ela lhe pedisse perdão e acedesse aos seus desejos, ao seu amor nascente.
Mas o tempo foi passando, sem que a pastora se arrependesse da sua recusa.
E, com ele, aumentava a paixão e o desespero de Abakir.
Então, não conseguindo mais acalmar aquele amor que lhe abrasava o peito, mandou chamar Zuleima à sua presença e disse-lhe:
- Pede-me tudo o que quiseres, os maiores caprichos, os maiores tesoiros, que tudo te darei, se consentires ser minha esposa.
Respondeu-lhe, então, a pastora, com firmeza não destituída de doçura, pois também ela acabara por se enamorar do jovem Abakir:
- Concordarei em viver junto de ti, com a condição de ser tua única rainha e me seres sempre fiel.

Arrebatado, o rei imediatamente aceitou as condições impostas pela bem-amada Zuleima. Então, o castelo da Serra da Nó abriu-se, em esplendor, às bodas reais, com festas nunca vistas nem sonhadas.

E alguns anos se passaram para a felicidade do casal, gozada no conforto do castelo, na alegria das diversões e caçadas, na contemplação daquela paisagem de maravilha.

Entretanto, um numeroso exército cristão, forte e ousado, vindo do Norte, ia derrotando os guerreiros da Moirama e aproximando-se, perigosamente, dos domínios de Abakir.

Era urgente a fuga, o abandono da paz deliciosa da Serra da Nó e do seu castelo!

Mas Abakir resistia a tal imperativo e, com ele, Zuleima, os dois enfeitiçados pela brandura daquelas paragens paradisíacas.

Uma noite tormentosa, ao escutar, cada vez mais perto, o ruído feroz das espadas e das lanças entrechocando-se; o alarido da vitória solto das bocas dos combatentes cristãos e o gemido dos guerreiros moiros feridos de morte, o rei foi buscar, de entre os seus tesoiros, um velho e pesado volume, revestido de coiro lavrado a oiro, o Alcorão, o livro sagrado da sua religião, escrito por Maomé que, segundo o profeta, lhe fora ditado pelo anjo Gabriel.

E, na presença assustada da rainha, pôs-se a folheá-lo, lendo, em voz baixa, certas suas passagens misteriosas, enquanto estendia a mão sobre Zuleima, sobre quanto o cercava, sobre si próprio...

E, quando, na manhã seguinte, os soldados cristãos galgaram, vitoriosos, os cimos da Serra da Nó, na ânsia de aprisionar Abakir e tomar-lhe o castelo, nada se lhes deparou, mais do que o silêncio verde da folhagem, alguma pedra musgosa no abandono da poeira. Somente, do galho de uma árvore, o trinado de um pássaro parecia troçar da funda desilusão da soldadesca: nem castelo, nem Abakir, nem a sua única rainha!

Mas diz-se que, em noites enluaradas, quando o arvoredo é de vagas sombras e o rio é de prata, vagueia pela Serra da Nó um vulto de mulher, envolto, ora em vestes roçagantes e faustosas, ora na simplicidade do trajo campestre, evocando, quem o sabe?, a pastora depois rainha, decerto saudosa do seu rebanho, saudosa do seu castelo e do seu amado Abakir.



# Lenda da Mal Degolada

Era uma vez um jovem fidalgo chamado D. Rui Mendes, nascido nas terras portuguesas de Entre-Douro-e-Minho, com solar e torre defensiva em Santo António da Facha, perto das águas remansadas do rio Lima.
Valente guerreiro, ajudara o seu rei a levar de vencida, até ao Sul, as hostes sarracenas; bom caçador, cravava com destreza o ferro agudo da sua lança no dorso impetuoso do javali; trovador inspirado, alegrava os serões invernosos dos solares vizinhos, com o lirismo dos seus versos, suspirosos de saudade e amor; diligente proprietário, tratava, com justiça e carinho, os servos da gleba e os pobres das choças, a quem provia de alimentos e agasalho.
Além disso, era belo e de gentil figura, cobiçado para casamento pelas filhas solteiras da sua rica e numerosa parentela.
Mas, de repente, o povo e os seus amigos deixaram de o ver, de escutar o galope fogoso do seu cavalo, a tropear sobre os lajedos duros e a poeira dos caminhos. Que seria feito do D. Rui?
O moço cavaleiro limiano, tão estimado e invejado, vivia, agora, escondido na espessura e rudeza da sua torre de granito, adoçada pelo verde tenro das heras. Mas não vivia só.
Com ele, habitava uma linda moira, Zaida, que, no maior segredo, D. Rui trouxera, cativa, das suas lutas vitoriosas contra a Moirama.
Amava-a o fidalgo em extremo.
No entanto, não era o facto de Zaida pertencer a uma raça infiel que o impedia de frequentar, com ela, as festas realizadas noutras torres e solares que se erguiam, altivos, por esses montes e vales.
Era, sim, por via de um ciúme doentio, a torturar-lhe o coração, a toldar-lhe o espírito, chegando mesmo a confessar à amada que não hesitaria em dar-lhe a morte, à mínima suspeita de infidelidade, tão violenta era a sua índole e tão ardente a sua paixão.
Porque desejava consagrar o seu amor pelo casamento, segundo os mandamentos da Santa Madre Igreja, procurou, num convento cerca dali, em Refojos, um velho frade ainda seu familiar, rogando-lhe que guiasse Zaida nos altos preceitos cristãos, ensinando-lhe a verdade da sagrada doutrina, fazendo-a abjurar das crenças da sua raça.



Ensinamentos e renúncias estes que a alma pura da moira estava já disposta a acatar com fervor.
Logo o frade acedeu, contente e comovido, a ser o professor e conselheiro de Zaida, em tão piedosa tarefa.
E D. Rui, confiante na próxima boda feliz, regressou às suas tarefas de proprietário rural, cuidando dos seus bens, das suas tulhas repletas, das suas adegas e abarrotar de tonéis bojudos, cheios de um vinho ácido e revigorante, vigiando os seus barcos de pesca, de onde saltava, bem vivo, o saboroso peixe que lhe abastecia a mesa, em tempos quaresmais, esquecendo, assim, o pedido que fizera ao frade de Refojos.
Este, porém, não o esquecera.
Em breve, pois, demandou a torre de D. Rui, para, junto de Zaida, folhear a sabedoria da Bíblia e de outros volumes místicos, onde anjos e santos comungavam a presença divina.
E em certo fim de tarde outonal, o Sol a sumir-se, lento, para as bandas do mar, já sombras cinzentas a pesarem nos arvoredos, calado já o chilreio da passarada, D. Rui regressou à torre, após um dia de fatigoso trabalho, buscando o repouso merecido nos braços da sua amada.
Mas, ao penetrar no jardim que lhe circundava o solar, e onde uma fonte canora soltava, do esgar de uma carranca de pedra, um jorro fresco de água, surpreendeu dois vultos indecisos, conversando num tom baixo e íntimo.
Num deles, reconheceu a figura esbelta de Zaida.
O outro era de um homem encapotado.



Um acesso violento de ciúmes tomou posse do cavaleiro, adivinhando, naquele encontro, aparentemente secreto, uma traição vil.
Num grito selvático, correu para Zaida, desembainhando a espada e decepando, de um só golpe, aquela cabeça tão delicada!
- Que fazeis, Deus do céu?
Gritou-lhe, tomado de imenso terror, o velho frade de Refojos, pois era ele quem se encontrava junto da jovem moira, dissertando sobre os milagres de Cristo Salvador.
D. Rui, então, reconhecendo o amigo, compreendeu, desesperado, a monstruosidade do seu gesto.
O frade não esperou mais para baptizar, com as límpidas águas da fonte, aquela cabeça decepada de Zaida, lançando-lhe a bênção do sinal da cruz.
D. Rui caíra de joelhos, como se um raio lhe fulminasse o coração.
E jamais se curou do seu profundo desgosto, amaldiçoando o ciúme que o levara a tal crime horrendo.
Abandonando todos os prazeres e deveres da sua casa, acabou por falecer, precocemente envelhecido e roído de remorsos.
E há quem tenha visto, desde essa tarde sangrenta, quando nasce nos céus a face cadavérica da Lua Cheia, vaguear por aqueles ermos, montada num cavalo, branco como um fantasma, a moira inocente, trazendo, aconchegada ao seio, a cabeça degolada, com os olhos abertos de espanto e pavor, e os negros e longos cabelos agitados ao vento da noite misteriosa.



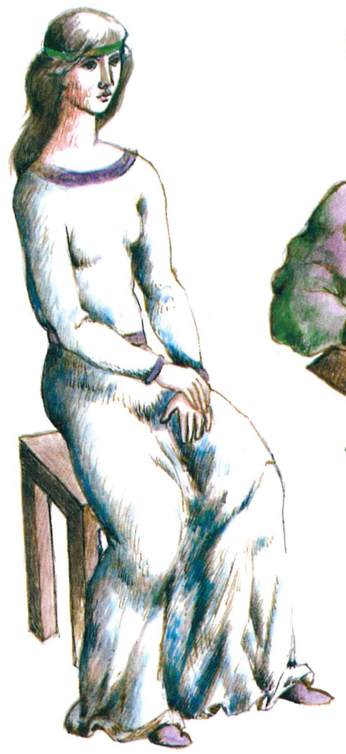
## Lenda do Monte da Dor

Era uma vez um poderoso Emir, senhor absoluto de Gaia, povoação e terras sobranceiras ao rio Douro, escuro e caudaloso, a caminho do mar próximo.
O Emir tinha uma irmã, chamada Aldara, que muito estimava, rodeando-a de quantas riquezas amontoara no seu palácio. Jóias, plumas, sedas, realçavam-lhe a beleza morena, sempre entregue a festas, a torneios, a banquetes, que o irmão lhe proporcionava para a saber feliz.
Todavia, Aldara preferia, de todos esses festejos e divertimentos, as audições de música e canto e poesia que lhe alimentavam os sonhos e devaneios.
E foi, numa dessas audições, surpreendida pela voz quente e melodiosa de um jovem trovador, de olhos azuis e cabelo loiro caído sobre os ombros, erguida ao som da viola, por ele próprio dedilhada.
A letra das suas baladas, cheias de brandos suspiros, eram de uma língua doce, estranha à princesa.
Decerto o donairoso trovador viera do Norte, cativo do Emir, nas suas escaramuças com os cristãos, e decerto devia a vida à perfeição da sua arte.
Começou Aldara a amar o desconhecido, não se cansando de lhe admirar a música e o canto.
E, no coração do trovador, esse amor parecia ser correspondido.
Não tardaram os dois a chegar à fala, partilhando, em prolongados encontros secretos, aquela paixão impossível. Impossível?
Uma noite, Aldara, comprando o segredo dos seus servos e aias, escapando à vigilância dos seus guardas, correu para os braços do trovador e ambos abandonaram o palácio de Gaia, numa cavalgada apressada, a caminho de um reino cristão, onde o seu amor estivesse a salvo das leis sarracenas e da severidade do Emir.
Galoparam horas sem descanso e, quando o Sol enfim nasceu, encontravam-se percorrendo uma extensa veiga à beira-mar, numa região que se estendia do rio Lima até à foz do Minho, acolhedora na sua paz e na sua beleza.
Não ignoravam os dois enamorados que o irmão de Aldara, ao descobrir-lhes a fuga, logo chefiaria, contra eles, a força dos seus exércitos.

E estes, mais velozes e afeitos a perseguições de inimigos, depressa os encontrariam, para castigo cruel.

Mais a mais, a veiga não tinha lugar nenhum onde pudessem ocultar-se, deixando passar, avante, os seus perseguidores.

Súbito, no horizonte, recortou-se o vulto de um monte frondoso, a convidá-los a encontrar, nele, repouso e abrigo.





Rapidamente, Aldara e o seu companheiro treparam ao monte, de onde era bem distinto o rumor das vagas a quebrarem-se de espuma, no doirado das praias.

Entretanto, os homens do Emir, seguindo o rasto dos enamorados, começaram, também, a trepar o monte, com grande estrondo de cavalos e armas.

Aldara e o trovador viram-se perdidos!

E, estreitados num firme abraço, prometeram, um ao outro, morrer juntos, sem que ninguém os conseguisse apartar.

Ao vê-los assim, unidos, maior foi a ira do Emir, ordenando logo aos seus soldados que os separassem, disposto, no íntimo, a perdoar à irmã a leviandade da fuga.

Mas, por mais que os soldados quisessem obedecer-lhe, eras-lhes inútil o esforço de afastar Aldara dos braços do trovador!

Mais de cem vezes tentaram a separação.

Mais de cem vezes desistiram do intento.

Então, o Emir, rubro de cólera, ordenou que os dois corpos, tão fortemente enlaçados, fossem



lançados às águas frias do mar revolto. Assim se fez.

E, como por milagre, mal receberam em si os dois desesperados, as ondas aquietaram-se, bonançosas.

Mordido pelo remorso, o Emir foi-se dali para o seu palácio de Gaia, onde passou a viver uma existência amargurada.

Ao monte que assistiu, mudo de pasmo, a este castigo e a este prodígio, passou o povo a chamar-lhe Monte da Dor, hoje Montedor.

E diz-se que, em noites de tempestade, os pescadores da costa, privados do seu ganho, ante a violência das chuvas, ventos e trovoadas, evocam as almas de Aldara e do trovador, para que lhes venham valer na tormenta.

Então, do profundo das águas, julgam ver emergir dois vultos enlaçados que, boiando, serenos, lhes expulsam os medos e a procela, fazendo que os seu frágeis barcos de pesca possam alcançar, docemente, o bom porto.

## Lenda das 5 Badaladas

Era uma vez um homem chamado Bartolomeu, nascido em Lisboa, no século XVI, e baptizado na Igreja dos Mártires, de que passou a ser grande devoto.
Bartolomeu era inteligente e piedoso.
Decidiu dedicar-se a Deus e ingressou na Ordem Religiosa dos Pregadores, recebendo o respectivo hábito apenas com a idade de 14 anos, aplicando-se, depois, aos estudos da Filosofia e Teologia, que terminou com êxito.
Instalou-se , então, no Convento de São Domingos de Évora, passando a usar o nome de Frei Bartolomeu dos Mártires, evocador da igreja onde recebera a água baptismal.
Na cidade alentejana exerceu um louvável magistério, havendo tido, como aluno, D. António, o Prior do Crato, mais tarde, ainda que por breves tempos, rei de Portugal.
A sua dignidade de sacerdote e a sua sabedoria eram tais que a rainha D. Catarina, mulher de D. João III, o escolheu para Arcebispo Primaz de Braga, o lugar mais alto na hierarquia religiosa da Península Ibérica.
Esta honrosa nomeação foi confirmada pelo Papa.
As suas visitas pastorais, pelas terras esquecidas do Barroso, levaram-no a contactar com uma população miserável e de rudes costumes, que procurou ajudar, em acções generosas e justas.
Quando foi convocado para participar no Concílio de Trento, em Itália, que tinha o propósito de reformar e fortalecer a Igreja Católica, salientou-se pela sua palavra esclarecida e esclarecedora.
Frade dominicano, resolveu, a dada altura, mandar edificar em Viana, então chamada Viana-da-Foz-do-Lima, um soberbo Convento, dedicado a São Domingos.
E, quando já envelhecido, e vendo a coroa portuguesa passar para a cabeça de um estrangeiro, D. Filipe II de Espanha, foi junto do rei rogar-lhe a permissão de renunciar ao seu cargo eclesiástico, a ir albergar-se, destituído de honras e riquezas, naquele Convento vianês, erguido com tanta devoção.
Encerrado numa cela desprovida de qualquer conforto, passava os dias entregue a orações e leituras de obras edificantes.
Mas, de quando em quando, deambulava pelo bairro dos pescadores, ao rés do



Convento, acudindo, caridoso, aos padecimentos e angústias daquela gente do mar, que o venerava e a ele recorria, em horas difíceis.
Um dia, porém, o lar humilde e pobre que visitava, não reconhecendo, naquele velho frade, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, recebeu-o com desagrado, revoltado, como estava, com a desgraça que lhe caíra em cima: a morte prematura da mulher do pescador, apesar de todas as rezas fervorosas aos Céus, quer do marido, quer da jovem filha, a quem pesavam, agora, os cuidados da casa e os cuidados para com o pai.
Entendeu e perdoou o arcebispo a atitude hostil dos dois infelizes, mas não deixou de lhes recomendar resignação, pondo-se à disposição de ambos para quanto necessitassem; para qualquer súbita aflição.
E, num Inverno mais rigoroso, com o mar sacudido por ventos ciclónicos, chuva e trovoadas assustadoras, eis que a órfã procura o velho frade para que, com as suas preces, ele alcançasse de Deus o favor de um milagre: o milagre do seu pai, arrais de uma companha de mais quatro homens, conseguir fazer que o seu barco, quase naufragado no turbilhão das vagas, galgasse a barra, são e salvo.
O arcebispo, comovido, logo tranquilizou a jovem, garantindo-lhe que, após soarem cinco badaladas no sino do Convento, a pequena embarcação iria varar, intacta, nas areias da praia, trazendo a bordo, também intacta, toda a companha.
Mais: com o fundo a abarrotar de pescado!
E assim aconteceu.
A cada uma das cinco badaladas soltas da torre sineira de São Domingos, aqueles cinco pescadores, exaustos e desesperados, ganhavam uma nova energia, uma nova coragem, que os impelia a remar e remar e remar, até à praia, onde um povoléu em grita era impotente para os socorrer.
Mal soara a quinta badalada, eis que, como D. Frei Bartolomeu dos Mártires havia prometido, o barco, intacto, vara na areia da praia, trazendo, também intacta, toda a tripulação.
E com o fundo a abarrotar de pescado!
Desembarcados, os cinco pescadores ajoelharam, agradecendo a Deus tal prodígio.
E, sabendo da boca da filha do arrais quem intercedera por eles aos Céus, livrando-os de



tão duro transe, quando a morte lhes surgia, a todo o instante, diante dos olhos aterrados, logo correram ao Convento, a confessarem-se ao arcebispo devedores da graça recebida.
Mas a modéstia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires recusou-se a assumir à janela estreita da cela, para lhes receber a gratidão.
Outros milagres, muitos outros, são atribuídos à bondade do velho arcebispo.
Ao falecer, foi enterrado à esquerda do altar-mór da igreja do seu Convento.
Aí, continua a atender os rogos dos pescadores da Ribeira vianesa, quando o mar lhes é padrasto.
Daí, os abençoa, com o amor da sua mão sempre milagrosa.

# Lenda do Pátio da Morte

Era uma vez uma jovem de nome D. Brites, da família Quesado, ilustre pelos seus pergaminhos fidalgos.
Morava na vila de Viana, numa bonita casa alpendrada, que abria o pesado portão do vasto pátio para a rua da Bandeira, estreita e penumbrosa, com as lajes gastas, do rodar das carruagens e das ferraduras dos cavalos.
D. Brites era, além de jovem, muito formosa e muito rica.
Vários fidalgos, como ela, e, como ela, jovens, belos e ricos, lhe cavalgavam sob o alpendre ornado de rosas, tentando atrair-lhe as atenções, candidatando-se, assim, ao seu amor.
Mas D. Brites amava já, e apenas, um moço cavaleiro, D. Lopo da Rocha, de bom porte e bons sentimentos, sempre pronto a desembainhar a espada pela honra e pela justiça.
Todavia, os pais preferiam, a D. Lopo, um parente, D. João Alvim, espadachim afamado e temido, soberbo do seu nome e dos seus haveres.
Também ele amava D. Brites, de uma paixão violenta e enciumada.
Mas D. Brites recusava-lhe os protestos amorosos, pois o seu coração pertencia já a D. Lopo.
Era costume, no dia do aniversário da filha única, os pais de D. Brites organizarem uma festa esplendorosa, nos salões da sua casa da rua da Bandeira.
Nesse ano, excederam-se, em divertimentos, danças, concertos e no aparato de um banquete copioso e requintado.
Eram muitos os convidados.
Entre eles D. Lopo e D. João.
Mas os pais de D. Brites procuraram evitar, durante todo o serão, que a filha se encontrasse com o bem-amado, facilitando os galanteios do rival, colocando-o a seu lado na mesa, proporcionando-lhe a primazia das danças.
Em vão D. Brites, em vão D. Lopo, procuraram juntar-se, trocarem, ao menos, umas breves palavras de carinho.
Noite alta, finda a festa, D. Brites, iludindo a vigilância paterna, achou meios de acompanhar D. Lopo ao alpendre, para mais uma promessa de amor eterno.
A Lua havia-se ocultado atrás de umas nuvens pesadas.





Eram espessas as sombras.
Na cúmplice escuridão, os dois enamorados estreitaram as mãos ardentes.
Então, D. Brites jurou a D. Lopo que jamais aceitaria outro esposo; que jamais o seu coração pulsaria por outro homem, em sua vida.
Beijou-lhe as mãos D. Lopo, e desceu, confiante, as escadas de pedra que o levavam ao pátio, com o peito a arfar-lhe de suprema ventura.
Em baixo, porém, foi surpreendido por um brado de raiva.
D. João Alvim estava na sua frente, de espada em riste, disposto a separar, pelo sangue da morte, o par apaixonado.
E, sem permitir que D. Lopo tivesse tempo de empunhar, em sua defesa, a espada que lhe pendia do cinto, rasgou o peito do rival com uma estocada certeira.
Mas D. Lopo não morrera ainda e, num derradeiro esforço, conseguiu erguer-se, tomar, na mão, a firmeza da sua espada e varar D. João com uma estocada, igualmente certeira.
Depois, tombou, desamparado, sobre as pedras do pátio, num último estertor.
Acudira D. Brites ao alpendre, ao ruído das armas.
A Lua libertara-se do véu das nuvens e o luar desvendava, aos seus olhos aterrados, os corpos dos dois jovens que lhes disputavam o amor!
D. Brites rolou, desmaiada, pelas escadas do alpendre florido.
E foi tombar, inerte, sobre o corpo ensanguentado de D. Lopo, a quem, momentos antes, havia prometido amor eterno.
A partir dessa noite, D. Brites vestiu de luto rigoroso, permanecendo solteira até ao fim dos seus dias.
A partir dessa noite, aquele pátio da rua vianesa da Bandeira passou a ser conhecido, pelas gentes do burgo, lamentando tal crueldade no amor, tal crime nefando que apartava dois corações puros e inocentes, como o Pátio da Morte.



## Lenda da Cabeça da Velha

Era uma vez uma jovem chamada Leonor, de rara beleza e dona de fartos haveres.
Órfã de pais, vivia com um tio, D. Bernardo, num pequeno lugar situado na Serra da Peneda, no Norte português, junto às terras da Galiza.
D. Bernardo, também ele abastado, tinha a sobrinha em muita estima e desejava, para ela, um casamento feliz mas tardio, para poder beneficiar, até ao fim da sua vida, que prometia ser longa, pois o fidalgo era, em extremo, robusto e saudável, dos cuidados e carinhos de Leonor.
A jovem, porém, já se havia enamorado de um seu primo, D. Afonso, moço belo e inteligente, com nobre solar na região.
Conhecia Leonor os propósitos egoístas de D. Bernardo.
Mas o coração negava-se-lhe a acatar-lhe decisão tão cruel.
E, não resistindo ao sentimento que nutria pelo primo, passou a encontrar-se com ele, no mais rigoroso segredo.
Tinha uma cúmplice, em tais arrebatados encontros.
Era Marta, uma velha serviçal do tio, que, havendo-a criado de menina, tinha por fiel confidente.
Marta alegrava-se de poder apadrinhar o amor dos dois primos, que a enternecia.
Temendo, no entanto, que a criada, pela fraqueza da velhice, alguma ocasião caísse em revelar ao amo aquela paixão proibida, Leonor lembrou-lhe, gravemente, o mal que atingiria os três, se D. Bernardo soubesse da desobediência da sobrinha.
Marta indignou-se.
A sua lealdade estava acima de qualquer suspeita.
E afirmou a Leonor:
- Minha ama: se alguma vez vos trair, ou for obrigada a trair-vos, que me transforme em pedra, como essas dos cabeços, frias e rudes!
Um dia, D. Afonso esperou por Marta, no recato de um ermo, para lhe entregar uma carta dirigida a Leonor, a rogar-lhe que fugisse com ele, numa noite próxima, libertando-se da tirania do tio.
E, na carta, indicava o lugar aprazado para o encontro dos dois fugitivos.

Ele levá-la-ia para o seu solar e lá casariam na capela que, como em todas as grandes moradias fidalgas, se lhe avultava à ilharga, sempre florida e cuidada.
Marta recebeu a carta e regressou a casa.
Mas, de repente, saiu-lhe ao caminho, vindo do interior de uma mata, onde se entretinha a caçar, a figura do amo.
Estranhou ele a presença da serva naquele local tão distante do solar.
E logo uma forte desconfiança lhe assaltou o espírito ao ver, na mão da velha criada, a carta secreta.
Com voz autoritária, exigiu que ela lha entregasse.
Marta procurou resistir àquela ordem que iria fazer a desgraça dos dois jovens e a sua própria.
Mas D. Bernardo teve artes de lha arrancar, lendo-a de seguida, com as feições transtornadas pela revelação desse amor que ignorava.
Devolvendo, calado, a carta ao terror de Marta, afastou-se num passo incerto.
Marta pasmou daquele silêncio, supondo, porém, que D. Bernardo, pela muita estima em que tinha Leonor, aceitara, resignado, os sentimentos dos sobrinhos.
E correu a entregar a carta comprometedora à sua querida ama, ocultando-lhe, todavia, o encontro com D. Bernardo e a sua estranha atitude.
Na noite combinada, Leonor, embuçada numa capa escura e comprida, escapou-se do solar do tio, não sem um olhar húmido de saudade, para procurar os braços de D. Afonso e o desejado enlace.
Na sombra, umas sombras seguiam-na ao largo.
Procurando por todas as salas desertas do solar a presença de D. Bernardo e dos criados, Marta compreendeu, por fim, que o amo não perdoara aos sobrinhos e se dispunha a castigá-los, numa emboscada vingativa.
Correu, então, quanto podiam as suas pernas cansadas da idade, por desvios, por atalhos, a avisar Leonor e D. Afonso da cilada de D. Bernardo.
Chegou a tempo.
Sem detenção, D. Afonso sentou Leonor na garupa do seu cavalo, e, num galope alucinado, afastou-se da perseguição do tio e dos seu criados bem armados.



Ao olharem, porém, para trás, para agradecerem a Marta aquela prova de lealdade que lhes salvara a vida e o amor, apenas distinguiram a rijeza de uma pedra, onde se esculpia a face rugosa da velha criada: o seu nariz adunco, a saliência do queixo.
A jura de Marta havia-se cumprido.
Feita pedra, a velha parecia despedir-se de Leonor e de Afonso, a cavalgarem já longe, com os seus olhos cegos, que um manto de musgo começava a cobrir, macio e piedoso.

## Lenda da Fidalga Branca

Era uma vez um jovem fidalgo chamado D. Francisco Machado, dono do Castelo de Castro, que contemplava, dos altos, as terras vastas e íngremes do Gerez, tão copiosas de fontes termais, de colmeias de mel, de animais bravios, de fundas florestas reflectidas no cristalino das cascatas.

D. Francisco era solteiro, tal como o seu primo e amigo D. Jerónimo de Sá, com quem partilhava o gosto da caça e dos divertimentos mundanos.

Um dia, em certa festa, num solar vizinho do Castelo de Castro, D. Francisco conheceu D. Maria da Silva, e logo se prendeu de amores pela sua extrema beleza, a sua graça, a elegância suprema do seu corpo e das suas palavras, reveladoras de uma inteligência e de uma sensibilidade pouco comuns.

Não tardou a confessar ao primo o conhecimento que tivera com a jovem, a impressão tão favorável que ela lhe causara.

Sorrindo do entusiasmo do amigo, D. Jerónimo indagou-lhe por que razão não pedia em casamento essa beldade, essa gentileza.

O celibato de D. Francisco ia já adiantado, e arriscava-se a prolongar-se, privando-o de uma doce companhia feminina e da alegria de um herdeiro.

E, constantemente estimulado pelos conselhos casamenteiros do primo, tendo sempre presente no coração aquela imagem sedutora de D. Maria, resolveu, por fim, pedir-lhe a mão.

Um curto noivado levou-os, felizes, ao matrimónio.

Foi, então, que D. Jerónimo viu, pela vez primeira, aquela que passara a ser sua prima.

E, assim como acontecera ao amigo e parente, essa visão arrebatou-o de tal modo que um amor violento e obsessivo começou a torturar-lhe a existência, afastando-o dos prazeres da caça e das ruidosas reuniões mundanas.

Entretanto, o novo casal foi habitar o Castelo de Castro, rodeado de um maravilhoso parque, com pequenos lagos azuis e canteiros de flores coloridas e perfumadas, ruas de buxo, onde o chão pisado rangia de areias vermelhas.

Era na paz desse parque que D. Maria da Silva passava a maior parte do seu tempo, sentada à sombra de alguma árvore bem copada, entregue ora à leitura de um livro, ora à paciência de um bordado.



Muitas vezes o marido lhe fazia ali companhia, trazendo consigo D. Jerónimo, sempre desejoso, este, de contemplar aquele rosto que a má-sina o fazia adorar, queimando-lhe a alma com o ciúme e a inveja, instigando-o a trair a amizade e o decoro.
Uma vez, ao saber que D. Francisco se ausentava, por umas horas, do seu Castelo e da sua esposa, nos pesados deveres de proprietário rural, não hesitou em procurar D. Maria a sós e em lhe confessar os seus sentimentos transtornados. Foi encontrá-la no parque, entretida com o seu bastidor e a sua talagarça.
D. Maria, ignorante dos propósitos pecaminosos do primo, acolheu-o com simpatia.
Mas logo D. Jerónimo lhe caiu aos pés, enchendo-lhe as mãos de beijos ardentes e, depois, tentando enlaçá-la, na loucura cega da paixão.
É impossível imaginar-se o espanto e revolta daquela mulher honesta e digna!
Tentou afastar de si D. Jerónimo, com um grito aflito de socorro.
Escutou-o o comendador D. Henrique de Sousa que, por acaso, passava na estrada que dá para o Castelo e, apesar da sua idade avançada, galgou, rápido, o alto muro do parque, conseguindo separar o ímpeto cobarde de D. Jerónimo do pavor indefeso de D. Maria.
E, com a autoridade que lhe concedia a sua idade e o seu prestígio, expulsou, de espada desembainhada, a vilania de D. Jerónimo.
Depois, oferecendo o braço à jovem, trémula de indignação, encaminhou-se para o Castelo, a acalmá-la da emoção recebida.
D. Jerónimo, vexado pela expulsão que lhe movera o comendador e pela repulsa que lera nos olhos da D. Maria, decidiu vingar-se de ambos, fazendo-os tombar numa cilada demoníaca.
Num galope desenfreado, correu até ao lugar onde sabia encontrar-se D. Francisco, ocupado em dirigir os seus servos nos trabalhos da lavoira.
Bradou-lhe, então, que corresse ao Castelo para surpreender a infidelidade da esposa com D. Henrique de Sousa.
Escutou-o o primo com desconfiança, consciente, como estava, do amor de D. Maria e da nobreza de carácter do comendador.
Mas D. Jerónimo insistia.



Se se apressassem, talvez surpreendessem, em flagrante delito, os dois infames.
E D. Francisco, à ilharga do falso amigo, decidiu-se, então, a regressar a casa.
Chegados, logo D. Jerónimo lhe apontou a janela dos aposentos da esposa, onde dois vultos se recortavam, bem nítidos.
De espada em punho, D. Francisco entrou no Castelo, disposto a castigar, de um golpe, aquela ofensa tremenda à sua honra.
Murmurou-lhe D. Jerónimo:
- Sê severo para com a tua esposa, que eu encarregar-me-ei de matar D. Henrique!
Investindo pelos aposentos de D. Maria, D. Francisco, tresloucado, varou o peito da suposta culpada, sem lhe permitir mais do que um grito de dor.
Entretanto, D. Jerónimo fazia o mesmo ao desprevenido D. Henrique.
Não restava viva, já, nenhuma testemunha do acto nefando de D. Jerónimo!
Por muitos anos, o Castelo de Castro, entre as matas viridentes do Gerez, encerrou as suas portas ao mundo, até desfazer-se em ruínas, depois de assistir ao falecimento atormentado de D. Francisco Machado.
Lenda ou realidade, conta o povo que, em certas noites mais claras e límpidas, vagueia por aquelas ruínas um vulto branco de mulher, onde julga adivinhar D. Maria da Silva, a vítima inocente da sua beleza e do seu encanto senhoril.
Chama-lhe "a fidalga branca" e, com temor e respeito, vê-a, subitamente, desaparecer nos ares, num fremir de sedas da sua veste imaculada, tão imaculada como a alma pura da desditosa castelã.

# Lenda das Unhas do Diabo

Era uma vez um escrivão, natural de Ponte de Lima, vila muito antiga, banhada pelo rio Lima, ali atravessado por uma elegante ponte de pedra, obra dos romanos, cujas sandálias imperiais lhe pisaram as lajes, depois continuada por outros povos, já em tempos medievos.
O escrivão era odiado e temido.
Desonesto em extremo, sórdido usurário, mostrava-se sempre capaz de falsificar documentos importantes em seu proveito; de empurrar para a ruína os seus clientes; de seduzir inocências e difamar quem vivia livre de qualquer suspeita.
Um dia, o bronze dos sinos da vila começaram a dobrar, tristes e lentos.
Morrera o escrivão.
Mas, antes de fechar os olhos, quis ele comprar a consideração e o desgosto dos seus conterrâneos, fingindo-se arrependido dos seus actos condenáveis, comungando e recebendo a extrema-unção das mãos ingénuas de um sacerdote.
A falsidade desta atitude, todavia, não convenceu e comoveu ninguém.
E, nem o cangalheiro lhe forneceu o caixão, nem o coveiro se dispôs a abrir-lhe a sepultura.
Apenas os frades franciscanos do Convento de Santo António tiveram a piedade de dar-lhe um enterro cristão, recolhendo-lhe o corpo, entre círios devotos, no chão de uma das capelas da igreja, colocando-lhe, por cima, o peso de uma laje funerária.
Após a cerimónia simples, os bons dos frades regressaram à humildade das celas, para as orações e o sono.
Porém, mal soaram as badaladas da meia-noite, no relógio da torre, eis que três fortes argoladas na porta da igreja acordaram toda a comunidade.
E os frades correram, aflitos, para saberem quem lhes rogava auxílio em horas tão tardias.
Deparou-se-lhes, então, no limiar, um cavaleiro muito alto e muito magro, de olhos coruscantes, envolto numa espessa capa negra.
Confessava-se parente chegado do escrivão e vinha procurar-lhe a campa, para uma prece.
Indicaram-lhe os frades a capela e o túmulo.
Em passos ligeiros e cavos, como se, em vez de pés, possuísse os cascos escuros de um bode, o desconhecido aproximou-se do lugar onde haviam enterrado o escrivão.
Então, com uma força sobrenatural, e para pasmo dos frades, ergueu, com as duas mãos a pedra que ocultava o caixão e arremessou-a para o centro da igreja, como se ela fosse, tão só, um leve feixe de penas!
Depois, tomou um cálice do altar da capela e, sobre ele, inclinou a boca gelada do escrivão.
Com um murro violento nas costas do defunto, obrigou-o a vomitar, sobre o cálice, intacta, a hóstia consagrada que o hipócrita havia sacrilegamente engolido antes de falecer.
O espanto dos frades aumentou em vista deste prodígio.
Mais, ainda, quando o estranho cavaleiro, em que reconheciam, persignando-se, a presença do Diabo, arrebatou o corpo inerte do escrivão e, com ele, fugiu por uma das janelas da igreja, partindo-a em mil pedaços de vidros coloridos, e sumindo-se na noite.
Sim, o desconhecido era, de facto, o Diabo em pessoa, que viera buscar, para o seu Reino das Trevas, a alma pecadora do escrivão.
Foi com extrema dificuldade que os frades levaram a laje para fora do convento, deixando-a abandonada à curiosidade e terror do povo que, nela, pode distinguir, bem nítidas, as unhas poderosas do Diabo.



# LENDA DE D.SAPO

Era uma vez um fidalgo chamado D. Florentim Barreto, a quem o povo alcunhara de D. Sapo, senhor de um solar torreado e de vastas terras de lavoira, situadas na freguesia de Cardielos, cerca da Viana e das águas do Lima.

Todos os seus servidores o odiavam, pois exercia sobre eles um poder injusto e cruel.



Mas, sobretudo, o que mais lhes alimentava o ódio era o direito a que D. Sapo se arrogava de passar, com as noivas dos seus criados, a primeira noite de núpcias.

Obrigado a submeter-se a costume tão infame, qualquer novo casal constituído sofria, todavia, em silêncio, a luxúria de D. Florentim Barreto, sem ter coragem de se revoltar contra ela, temeroso da miséria e mesmo da morte.

Uma ocasião, um jovem empregado seu, vendo próximo o casamento e não podendo suportar que a sua amada fosse submetida à violência do amo, reuniu os seus companheiros e convenceu-os, sobretudo aos mais velhos e respeitáveis, a demandar a Corte, denunciando a El-Rei a vilania do fidalgo e pedindo, para ele, um castigo severo.

Eles sabiam que D. Florentim tinha grandes amigos influentes na Corte, capazes de defender, perante o soberano, a sua vida e os seus hábitos, jurando-o inocente.

Por isso usaram de manha.

Aos pés do rei, rogaram-lhe a mercê de se libertarem, pela morte, de um sapo que, em suas terras, roubava a donzelia às raparigas e tiranizava todo o povo da região.

Espantou-se o rei com pedido tão singular e, sorrindo da ingenuidade das gentes de Cardielos, concordou que matassem, à sacholada, sapo tão daninho.

Regressaram os enviados deveras contentes com a decisão real e logo convocaram os braços válidos da freguesia para, munidos de sacholas, assaltarem o solar e darem morte rápida a D. Sapo.



D. Florentim foi apanhado de surpresa nos seus prazeres favoritos e, com um grito, tombou, inerte e crivado de golpes, no chão do quarto onde praticara tanto crime horrendo.

Pôde, assim, o jovem noivo, esperto e ousado, libertar a pureza da sua noiva dos desejos repugnantes de D. Sapo.

E libertar, igualmente, e de vez, todo o povo de Cardielos das garras do fidalgo.

Mas os amigos de D. Florentim Barreto, ao saberem do atrevimento da justiça popular, logo correram à Corte, a reclamar, de El-Rei, a condenação dos prevaricadores.

Zangou-se grandemente o soberano com esta rebelião sangrenta e ordenou que viesse à sua presença quem cometera tão grave desacato.

Então, os considerados culpados replicaram, perante ele, que haviam recebido, da boca do próprio rei, a ordem de morte de D. Sapo, pois só por este nome conheciam D. Florentim.

E que os motivos das suas queixas eram verdadeiros.

Ouviu El-Rei, ponderadamente, os argumentos das gentes de Cardielos.

E disse-lhes:

- Ide em paz para as vossas terras.

O dito dito. Palavra de Rei não volta atrás.

Feliz com o desenlace, o povo tratou de destruir a torre e o solar de D. Florentim Barreto, para que não restasse memória, nem do fidalgo, nem dos seus actos condenáveis.

Restou, porém, para os vindouros, a curiosidade da história aqui narrada.

## Lenda das Bodas do Cemitério

Era uma vez um fidalgo, dos mais nobres das terras que se estendem, num vale fértil, entre altas montanhas, banhadas por um rio, o Vez, pequeno no caudal, é certo, mas de margens graciosas e elegante no percurso até às águas do Lima.
Chamava-se D. Soeiro e era alcaide do castelo de Tora, de perfil aguerrido, eriçado de ameias, erguido sobre espessas rocas. Enviuvara, há bem pouco, de D. Aldonça, aparecida morta subitamente, tão nova ainda e tão bela.
Ninguém conheceu a dimensão do desgosto do alcaide, nem ninguém lhe vira as lágrimas de dor, pois, por alguns dias, permaneceu encerrado no seu Paço do Vale, sem conviver com amigos ou parentes.
Parecia, todavia, misterioso, a muitos, o triste desaparecimento da dama, coincidindo com o afastamento de uma das suas aias, Dulce, a quem D. Soeiro dirigia, muita vez, ora um galanteio, ora um sorriso cúmplice.
Por isso, nos castelos e solares das redondezas, se murmurava, aliás sem existência de provas, que o marido se vingara na esposa, com veneno ou punhal, por ela haver descoberto o seu amor adúltero e o haver interrompido com a expulsão de Dulce.
Passado o tempo de luto, D. Soeiro regressou às suas funções de alcaide do castelo de Tora, próximo da fronteira, vigia e defesa do solo português.
Ia ele, num entardecer doce, vulgar por aquelas bandas, a caminho do castelo, quando, ao passar junto ao cemitério onde jazia D. Aldonça, avistou um vulto de mulher, cuja riqueza do trajo mostrava ser alguém de elevada estirpe.
Trazia o rosto pudicamente oculto por um véu de tecido leve.
D. Soeiro, encantado com aquela aparição, não resistiu em rogar-lhe que se mostrasse aos seus olhos, despojada de ocultações.
Ela obedeceu.
E D. Soeiro pôde, então, admirar melhor essa mulher, muito jovem e muito formosa.
Solícito, indagou-lhe se necessitava de auxílio; de companhia até casa, pois a noite avançava e cresciam os perigos de uma dama, como ela, se aventurar, sozinha, por esses ermos.
E, enquanto dizia tais palavras, o alcaide cada vez mais se sentia dominado pela sedução daquela mulher.



Num ímpeto apaixonado, tentou mesmo tocá-la, mas parecia que as suas mãos unicamente prendiam o sopro do vento.
Tomou-lhe a mão, mas sentiu-lha de gelo e como que desprovida de carne. Dir-se-ia haver palpado, apenas, os ossos de um esqueleto!
Todavia, não deixou de lhe confessar um amor eterno, pois pensava que lhe era impossível, a partir do instante em que avistara aquela dama, continuar a viver de coração tranquilo e solitário.
A visão sorriu enigmaticamente.
Depois, exigiu do alcaide que jurasse a eternidade desse amor, no recinto sagrado do cemitério.
E ambos se dirigiram para lá.
Mas, quando D. Soeiro transpôs o portão da mansão dos mortos, o sino da capela do solar do Vale começou a tanger, cadenciado.
Espantou-se o alcaide com aquela dobre, pois havia proibido aos seus criados, após o falecimento de D. Aldonça, de fazer tocar o sino da capela.
Então, ao som das badaladas, D. Soeiro viu-se envolvido pelos braços da estranha dama e, mudo de assombro, ouviu-lhe a confissão:
Ela era o cadáver de D. Aldonça, traída e assassinada pelo marido, a vingar-se, naquele encontro, do seu sofrimento e da sua morte violenta.
E, à medida que fazia esta revelação, sem deixar de abraçar D. Soeiro, ia-se transformando, lenta, lentamente, num esqueleto apavorante.
Um grito imenso, arrepiante, soltou-se da boca escancarada do alcaide.
A Lua já nascera no céu, pálida e misteriosa.
Na manhã seguinte, o coveiro foi descobrir D. Soeiro, morto e tombado sobre o sepulcro da esposa.
Então, o povo e a fidalguia daquelas paragens, lamentando-lhe a morte, arrependiam-se de haver duvidado da fidelidade do alcaide, afinal, tão apaixonado por D. Aldonça.
E nunca chegaram a conhecer a verdade.



## Lenda da Pieira de Lobos

Era uma vez um cavaleiro chamado D. Afonso Ancemonde, senhor de Refojos, em terras de Ponte de Lima, onde residia, num grande solar acastelado.
Fora companheiro de armas do pai do nosso primeiro rei e, junto dele, travara inúmeras batalhas contra os moiros, distinguindo-se pela firmeza do pulso, no manejo do montante, a cair, violento, sobre os brancos albornozes, tingindo-os de sangue vivo.
Mas a sua bravura igualava a brandura do seu coração, perante o encanto de uma mulher.
Pois, ao apaixonar-se, aquebrantava-se-lhe o ímpeto guerreiro, entregue, unicamente, à doçura do amor.
Caçador infatigável, ocupava as suas madrugadas perseguindo, no monte áspero da Labruja, o rasto do urso, que por esses tempos habitava aquelas selvas, feroz e traiçoeiro.
Um dia, porém, surgiu-lhe, pela frente, ululante, uma alcateia de lobos famintos e ameaçadores.
Não se temeu dela D. Afonso. Tomou o arco e disparou uma flecha certeira, atingindo, entre os olhos de fogo, o chefe do bando, que o comandava à dianteira.
O animal ferido soltou um uivo medonho e desapareceu numa brecha entre dois altos penedos, seguido pelos companheiros.
Quis o fidalgo ir-lhes no encalce, esporeando, com fúria, os flancos do seu ginete aterrorizado.
Partiu o cavaleiro numa corrida desenfreada.
Mas o cavalo, cego de dor e de medo, foi chocar com a dureza dos penedos, derrubando D. Afonso, que ali quedou desmaiado.
Quando o senhor de Refojos abriu, por fim, os olhos, viu-se deitado numa vasta gruta recoberta de peles de corça, assistido por uma dama formosíssima, que tinha, aos pés, com a mansidão de um cordeiro, o lobo alvejado pela sua flecha.
Perguntou-lhe D. Afonso quem era e porque se encontrava naquele misterioso lugar, na companhia perigosa de uma fera.
Ouviu-lhe, então, com espanto, a história do que lhe havia acontecido e do que lhe estava a acontecer:
Última das sete filhas de um casal de nobres pergaminhos, os pais haviam-se esquecido

de lhe dar por madrinha uma das seis irmãs, condenando-a, assim, a um destino maldito: Quando a Lua Cheia ilumina as noites limianas, ela transforma-se em pieira de lobos, (pastora de lobos), vagueando, com eles, pelo escuro das brenhas, pelos fundos fojos das montanhas, vendo-lhes a fauce sangrenta de abocanhar as presas, os olhos coruscantes. Mas, nesse dia, completava-se o sétimo ano da sua condenação, quando o amor de um homem a podia restituir à liberdade, à paz de uma vida normal.

Por certo, D. Afonso era esse homem que a salvaria de fado tão cruento, concedendo-lhe a desejada felicidade.

Mas não era.

O cavaleiro, embora fascinado pela beleza da jovem, julgou-se diante de uma impostora, de alguém que lhe cobiçava o nome e a fortuna, inventando uma história fantástica para o seduzir.

Talvez uma dessas muitas comediantes que conhecera nas trupes teatrais, animadoras de serões dos paços, com seus trovadores, poetas e bailarinos, suas momices e entremezes.

Sim: com muitas dessas comediantes tivera amores passageiros, que lhe enfraqueciam os golpes de espada, no ardor do combate.

Não, não acreditava naquela falsa pieira de lobos, no artifício da gruta, no lobo submisso! Tudo aquilo era, apenas, uma cilada ao seu coração sensível.

Com um gesto indignado afastou de si a embusteira.

Ai dele, porém!

A pieira de lobos falava verdade.

E, magoada com a dúvida de D. Afonso, logo nesse instante lhe lançou uma terrível maldição:

- Tal com eu, irás vaguear, durante milhares de anos, atrás de outros milhares, por todos estes vales e florestas, em noites de Lua Cheia, seguido por uma alcateia ululante!

Depois dos malfadados acontecimentos desse dia de caça, o fidalgo pouco durou com vida. Doou aos frades todas as suas terras de Refojos e morreu de uma doença desconhecida e fatal.

Escusado será dizer que, quando sobe a Lua Cheia no céu daquelas paragens, no espaço de um relâmpago, qualquer um pode avistar D. Afonso Ancemonde, hirto na sela do seu





cavalo, galopando alucinadamente, seguido por uma alcateia ululante.
Onde vai? De onde vem?
Ninguém o saberá dizer.
Sabe-se, apenas, que esta visão, iluminada por um luar funéreo, irá assombrar os caminhos da Ribeira-Lima, durante milhares de anos, atrás de outros milhares.



## Lenda do Galgo Preto

Era uma vez um jovem e donairoso fidalgo, chamado D. Rui de Mendonça, muito estimado na Corte e em todas as poderosas famílias do Reino.
El-Rei D. Manuel, o Venturoso, tinha-o por valido, sempre pronto a escutar-lhe a graça espirituosa dos ditos e a inteligência dos conceitos.
E, quando o soberano decidiu ir de romagem ao túmulo do apóstolo Santiago, na galega Compostela, incluiu-o na comitiva, para disfrutar da sua presença gentil.
O caminho escolhido por El-Rei para essa piedosa peregrinação atravessava Ponte de Lima, vila nobre e muito bela, debruçada sobre as águas preguiçosas do Lima.
D. Manuel tinha, ali, alguns cavaleiros da sua Casa, senhores de vastas terras e antigos solares.
Resolveu, por isso, aproveitar a hospitalidade de um deles para repousar, alguns dias, da fadiga da viagem.
D. Rui seguiu-lhe o exemplo, visitando a parentela, pois, esta, espalhava-se, numerosa, pelos quatro cantos de Portugal.
E toda ela lhe proporcionara festas, caçadas, passeios de barco pela limpidez serena do rio.
Numa dessas festas, D. Rui travou conhecimento com D. Beatriz de Lima, descendente, pela mãe, de uma moira de Arzila, que recebera o nome de Madalena na pia baptismal.
Por causa desta ascendência pagã, as velhas casas armoriadas da região recusavam-se a receber D. Beatriz com assídua intimidade, fazendo que ela, tão bonita e tão abastada, ainda permanecesse solteira.
De mais a mais, murmurava-se que a mãe de Madalena era uma espécie de bruxa, dada a feitiços e encantamentos, e culpavam-na, até, de haver conseguido, mercê de mágicos filtros de amor, forçar o cavaleiro cristão a receber a filha por esposa, apesar das diferenças de raça e religião.
Todavia, todos estes rumores desfavoráveis não impediram D. Rui de se enamorar de D. Beatriz, preso o coração pelos seus olhos profundos e cheios de sortilégio; pelos seus cabelos compridos, negros e sedosos, atributos sedutores das mulheres da Moirama.
E ambos os jovens, nas escassas horas em que conviviam, não cessavam de trocar palavras ardentes e apaixonadas, bem como projectos de um futuro feliz.





Terminando El-Rei o seu descanso, preparou-se para prosseguir o penoso caminho até Compostela. D. Rui teve que se lhe juntar ao séquito, embora com dorido pesar do seu coração enamorado. Com os olhos cintilantes de lágrimas, os dois jovens despediram-se, junto às margens enluaradas do Lima.

Então, D. Beatriz pediu a D. Rui que, naquele último encontro, lhe jurasse amor eterno.

- Juro!

Confirmou D. Rui.

- E és capaz de jurar por estas águas correntes?

Perguntou D. Beatriz.

- Juro! Amar-te-ei até que estas águas se esgotem para sempre.

Tornou-lhe D. Rui, enquanto beijava, soluçante, a mão morena de D. Beatriz, com o peito já magoado de saudade.

No dia seguinte à solenidade desta jura, D. Manuel abandonou Ponte de Lima com o brilho dos seus cavaleiros e equipagens. E ainda não havia decorrido um ano, soube-se, por todo o Reino, que D. Rui de Mendonça iria consorciar-se com uma dama da Corte, herdeira de um dos nomes mais distintos da nossa nobreza.

Mas, a esta notícia, que tanta satisfação causou aos amigos e parentes do moço-fidalgo, logo outra se seguiu, espantosa e trágica.

No dia da boda, D. Rui, ao entrar para a carruagem que o conduziria à igreja, levou, subitamente, a mão ao peito e, com um grito desesperado de dor, caiu morto!

Logo no dia seguinte a esta morte misteriosa, que enlutou o Reino, começou a aparecer, espojando-se nas areias finas que ladeiam o Lima, um enorme galgo preto.

De espaços a espaços, aquele animal desconhecido vai dessedentar-se nas águas plácidas do rio. E, se alguém procurar aproximar-se-lhe, o galgo preto corre à desfilada, ergue-se nos ares e esfuma-se para as bandas do mar.

Afirma-se, na vila aterrorizada, que tal aparição é a alma do perjuro D. Rui de Mendonça, condenado, pela vingança de D. Beatriz, a passar duro castigo, até que o Lima cesse o seu percurso líquido e brando.

Até para todo o sempre!

## Lenda do Poço da Liteira

Era uma vez um velho fidalgo, D. Rui de Sousa, morador em Viana, na companhia dos filhos, entre os quais D. Mécia, requestada por todos os jovens das redondezas, com prosápias de alta linhagem, fascinados pela sua beleza e cobiçosos dos seus fartos haveres.
Um dia, surgiu naquela terra ribeirinha, orgulhosa das suas naus a demandarem os portos do Brasil, a mercadejarem a riqueza do açúcar, e enobrecendo a vila de palácios e conventos, um moço esbelto e de grande fortuna, chamado Álvaro Peres, conquistando, logo, a simpatia de todos, com os divertimentos que promovia, os serenins e cavalhadas, os bailes de terreiro para a arraia-miúda, os soberbos banquetes, pródigos de vinhos e vitualhas.
Começaram a palpitar, mais acelerados, os corações das donzelas vianesas, vendo, naquele moço, mesmo ignorando-lhe a ascendência, um futuro marido para uma vida desafogada e alegre.
Também o coração de D. Mécia não resistiu ao sedutor.
E era ela quem Álvaro Peres preferia, nos seus galanteios, no mimo das prendas.
Mas D. Rui de Sousa não se cansava de folhear antigos nobiliários, pesados alfarrábios de heráldica, em busca da genealogia do desconhecido.
E descobriu, por fim, com profundo desgosto, que o sangue de Álvaro Peres não era limpo e que ele pertencia à raça judaica, tão odiada, tão detestada, então, e até merecedora da fogueira purificadora da Santa Inquisição.
Sabedora da terrível verdade, D. Mécia quis espiar, doída de mágoa, aquele amor infame, na clausura do Convento de Sant'Ana, onde tinha uma tia abadessa, D. Guiomar de Sousa, que a acolheu com carinhoso desvelo, cobrindo-a com o véu de noviça.
Não lhe acalmaram o peito, todavia, as preces que erguia aos Céus, no silêncio da igreja, onde todas as noites se recolhia, frente a um crucifixo de marfim, onde Cristo agonizava.
A imagem de Álvaro Peres não lhe saía do pensamento, nem do coração.
Numa dessas noites, sentiu que alguém, cauteloso, descerrava o reposteiro da porta da sacristia.
Olhou, curiosa.
Era Álvaro Peres que se aproximava dela, de braços abertos.





Tomada de susto, procurou fugir-lhe, mas, com um gesto inadvertido, derrubou o crucifixo que se despedaçou no chão lajeado da igreja.
Entretanto, o jovem envolvia-a num estreito abraço amoroso.
Sentindo falecer-lhe o ânimo, vendo em pedaços aquele Cristo a quem rogava salvação, julgou-se perdida e perdida se entregou ao doce enlace do Álvaro Peres.
E com Álvaro partiu do Convento, numa liteira que o repudiado judeu trouxera para a raptar.
Conhecedor, pela prelada sua irmã, da fuga dos dois namorados, D. Rui de Sousa enviou-lhes, em perseguição, um grupo de esforçados cavaleiros, da guarnição do castelo vianês.
A liteira seguia, rápida e aos solavancos, pela estrada de Ponte de Lima, tentando alcançar terras de Espanha, para um refúgio seguro.
Mas ao chegar a Fontão, a soldadesca não tarda a avistá-la, envolta numa nuvem de poeira.
Todavia, foi impossível aprisioná-la e aos seus ocupantes.
Um estrondo terrível assombrou todos!
E, como por encanto, o chão abriu-se num largo buraco, engolindo a liteira e, com ela, D. Mécia e Álvaro Peres, entre clarões de altas labaredas infernais!
Recordando o caso fantástico, existe hoje, num lugar solitário de Fontão, um poço escuro e tão profundo que ninguém lhe conhece o fim.
Dizem-no o Poço da Liteira.
A seu lado, ergue-se uma cruz de pedra que parece lançar a piedade de um perdão àquele amor impossível, ali desaparecido, em tempos intolerantes e cruéis.



## Lenda de Viana

Era uma vez uma pequena povoação nascida na margem direita do rio Lima, junto à foz, quando as águas doces e vagarosas se misturam com o bravio das ondas salgadas.
Chamava-se Átrio e tinha, sobranceira, uma montanha densa de arvoredo, onde, no alto, existira a fortificação de um castro habitado por povos sem nome e que, a dada altura, desceram ao litoral, buscando, na pesca, melhor alimento e mais comércio.
Era extremamente bela, entre veigas cultivadas, palmos de hortas viçosas, redis, pomares e vinhedos.
Mas a sua principal vocação era, sem dúvida, o mar, a pesca.
E, na extensão fina de praia, várias embarcações esperavam as madrugadas para serem lançadas às vagas, com o afã dos remos, o aceno das velas e o espalhar das redes.
Pelo entardecer, as companhas regressavam ao Átrio, para a alegria das mulheres e das crianças, com o fundo da embarcação farto de pescado palpitante: a sardinha, o carapau, a faneca, o congro...
Vinham, rio abaixo, muito habitante de outras povoações, para o abastecimento pródigo das suas mesas.
Ora morava no Átrio, na modéstia de um casebre, uma linda rapariga chamada Ana, filha de pescador e desenvolta na venda do peixe, sempre com uma canção nos lábios, ouvida a algum jogral chegado da vizinha Galiza, onde animava os serões dos paços e os terreiros das romarias.
Escutava-lhe, deliciado, estas cantigas de amor e de amigo, um jovem barqueiro que, empunhando a longa vara com que impulsionava o comprido barco de fundo chato, transportava, na correnteza do rio, até ao Átrio, várias vezes por semana, lavradores e mercadores à compra de peixe fresco e saboroso para dar prazer aos rigorosos jejuns.
De tanto escutar a voz harmoniosa de Ana e de lhe admirar a graça, o rapaz começou a sentir pela rapariga um amor que ia aumentando dia após dia.
Confessara já aos amigos e companheiros de lida o agrado desse amor nascente.
E estes, contentes com o seu contentamento, sorriam quando o moço barqueiro, ao voltar do Átrio, lhes atirava um brado feliz:
- Vi Ana! Vi Ana!

Um dia, porém, não se contentou em vê-la e dirigiu-lhe a palavra, num enleio que lhe corava as faces.
A rapariga percebeu, então, o vivo interesse amoroso do rapaz por ela, os olhos dele, brilhantes, sobre o rosto dela, sobre os olhos dela, sobre os cabelos dela...
E o seu coração lisonjeado retribui-lhe esse interesse, retribuiu-lhe esse amor.
Não tardou em realizar-se a boda dos dois enamorados.
Durante os festejos, bebendo vinho acre e refrescante gerado nos parreirais da região, os companheiros e amigos do noivo recordaram-lhe o brado entusiástico:
- Vi Ana! Vi Ana!
O dito foi logo adoptado pelos pescadores do Átrio que passaram a repeti-lo quando, vindos dos trabalhos duros da faina, se lhes deparava o vulto acolhedor da montanha, as praias doiradas, as veigas férteis, as águas lentas do rio e a paz dos seus lares:
- Vi Ana! Vi Ana!
Ao conceder o foral à povoação da foz do Lima, em 1258, o rei D. Afonso III, que a visitara tempos antes, extasiando-se com tanta beleza e prosperidade, substituiu-lhe o nome de Átrio pelo de Viana.
Por certo, alguém lhe revelara aquele brado de amor.
E só amor merece terra tão abençoada!



# Lenda do Rio Lima

Era uma vez um rio.
Nascera, sem pressa, entre espessas penhas, numa serra galega, e, sem pressa, foi descendo um vale ameno, bordado de salgueiros e veigas viridentes, avistado, débil pela distância, dos altos montes revestidos de pinheirais, e onde, nos cimos, se abrigavam o refúgio e a agressividade de velhos castros.
Era azul e liso.
Não tinha nome, ainda.
O povo que lhe usava as águas, para a rega, a pesca e a sede, era rude, selvagem, mal sabendo talhar na pedra o machado da lenha; a faca lascada para dilacerar a rês, destinada ao fulgor das brasas; a ponta de lança para a defesa e o ataque contra a violência que lhe roubava o gado e lhe raptava a mulher.
Pela calma do entardecer, a tingir de vermelho os céus do mar próximo, o pastor, recoberto de peles de fera, conduzia os rebanhos até às areias finas das margens, a beberem frescura na limpidez do rio, longa, longamente...
Mas esta paz de paraíso não tardou a ser perturbada pelo passo duro e cadenciado do soldado estranho.
A Roma imperial enviara as suas legiões aos campos agrestes da Ibéria, vencendo batalhas, edificando estradas lajeadas, as pontes, os aquedutos, as muralhas guerreiras, os templos para os deuses, os anfiteatros e as arenas para os prazeres da arte e do desporto.
Elas invadiam, implacáveis, o bucolismo da paisagem doce, empunhando a agudeza da lança e o escudo de coiro lavrado, entre o arruído dos pesados carroções e o tropear febril dos cavalos.
E, um dia, eis que o arreganho destas legiões chega junto à margem sul do rio de que vos falo, com seus pendões rubros, constelados de águias, sacudidos por uma brisa mansa.
E estaca, rendido, deslumbrado!
No arrebatamento da visão, toda a soldadesca excitada supõe estar diante daquele rio Lethes, o Rio do Esquecimento, um rio sem par de que lhe falavam as lendas e as narrativas do seu país.
E do Esquecimento, porquê?



Porque se dizia que quem ousasse atravessá-lo, enfeitiçado pela sua beleza, logo esqueceria a pátria, a família, o próprio nome.
Tomado de pavor pelos avisos desta condenação, todo o exército se recusou a mergulhar, naquelas águas encantadas, a poeira das sandálias, obrigadas a calcar o vau da passagem que o levaria, sem perigo, à margem oposta.
Em vão os comandantes lhe davam ordem de avançar.
Em vão o chefe supremo, Décio Júnio Bruto, lhe ameaçou a desobediência com a prisão e a morte.
Ninguém se movia dali, paralisado pela emoção e pelo medo.
Mas Décio Júnio Bruto teve uma decisão feliz.
Apeando-se do seu ginete, atravessou, lento, as águas feiticeiras, com o escudo a proteger-lhe a cabeça, a curta espada desembainhada na firmeza da mão.
E, mal atingiu o areal da margem direita, vencendo o rumorejar do arvoredo, o gorjeio mavioso dos rouxinóis, começou a bradar pelos seus homens, hirtos, perfilados à sua frente, como estátuas estáticas, proferindo, de cada um deles, o nome exacto, sem revelar esforço de memória.
Só desta forma convenceu os seus soldados que, afinal, o rio que lhes corria aos pés não era o Lethes do esquecimento, apesar da sua beleza, apesar do seu fascínio.
Então, todo o exército atravessou, sem hesitar, as águas claras e brandas, e seguiu para novas paisagens, novos montes e vales, novos rios, embora nenhum deles tão deslumbrante.
E aquele rio que, por um momento de paixão e de temor, fora baptizado de Lethes, continuou a correr, sem pressa, até ao desenlace da foz.
O rio tem, hoje, o nome de Lima.
E, tal como outrora, ei-lo que fascina, pela sua beleza, quem dele se abeira, lhe escuta o leve fluir, já ladeado, agora, pela riqueza e

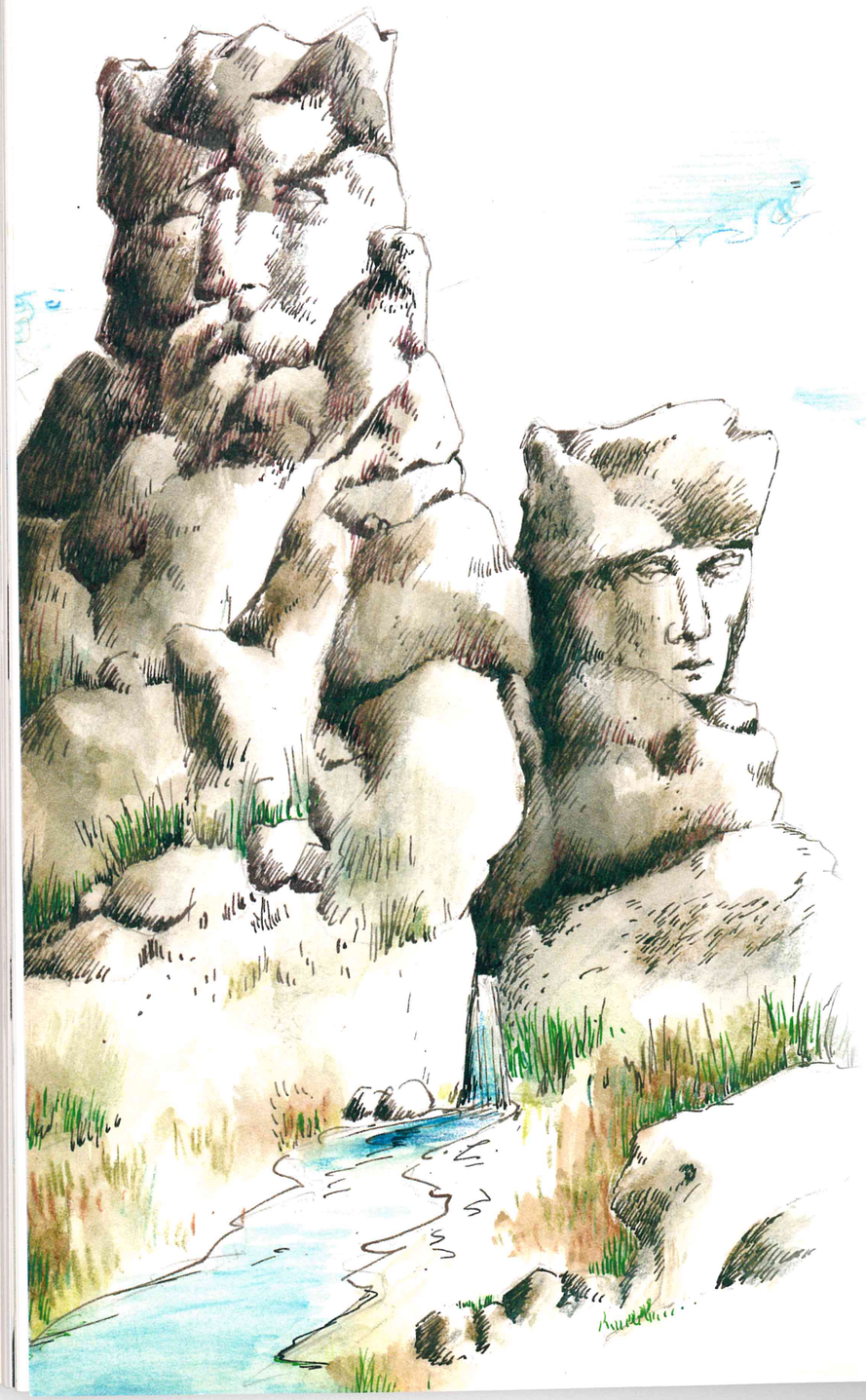


nobreza das igrejas e santuários milagreiros; pelos escuros solares armoriados e a brancura alegre dos casais; pelo bulício de antigas povoações com suas elegantes pontes arqueadas sobre barcos pesqueiros; e, por todo o horizonte, as torres, os pelourinhos, as cruzes...
Rio do Esquecimento?
Não.
Rio da Lembrança.
Lembrança viva destas terras amoráveis, por onde desliza e que parece beijar.



## Lenda do Rio Neiva

Era uma vez um rei chamado Oural, a quem uma terrível feiticeira, invejosa do seu poderio, por todas as terras de entre Lima e Cávado, transformou e, com ele, a bondosa rainha, numa serra escalavrada e nua.
Os dois infelizes soberanos tiveram, ali, um filho, nascido do ventre materno em forma de fonte, num saltitar alegre e palreiro, de jorro de água, sobre pedras, ervagens e lama.
Sabendo-o assim, saudável e puro, o rei Oural quis vê-lo crescer, fortalecer, livrar-se das imagens severas das penedias e correr, livre, pelo vale que se lhe rasgava aos pés.
Depois de o baptizarem com o nome de Neiva, tão semelhante a Névoa, àquele espesso manto cinzento que lhes envolvia o corpo friorento pelos Invernos rigorosos, os pais disseram-lhe um comovido adeus, com as lágrimas a congelarem, brancas, nos peitos duros, como manchas brilhantes de geada.
Também o Neiva se despediu dos pais, mas numa pressa de jovem ansioso por descobrir novos lugares, sonhando aventuras no percurso até à imensidão do mar, onde iria mergulhar-se e confundir-se.
Descia, então, vertiginoso, em pequenas cascatas e açudes, o dorso áspero da serra e, ao vê-lo, maravilhadas com a sua beleza, as fontes precipitavam-se, vindas de outros montes próximos, como os de Fojo Lobal, onde vagueava o lobo carniceiro, e de outros locais, como Arêfe, Carvoeiro e Fragoso, para o saudarem, para se lhe juntarem, para lhe aumentarem o caudal.
Ufanava-se já de um afluente esperto, o Nevoínho.
E lá ia seguindo o seu caminho no vale ameno, mais crescido e torrencial, com a voz que fora, apenas, um chilreio de passarinho, a engrossar, a infundir respeito a quem, homens e animais, o avistava das margens, pesado das chuvadas.
E era com respeito, de facto, que os animais e os homens se debruçavam para o seu leito, dessedentando-se em águas tão límpidas.
Ladeavam-no, curvando-se sobre ele, os ramos verdes e floridos dos salgueiros, dos ameeiros, dos carvalhos, numa saudação grata que o vento ajudava a prestar-lhe, felizes de sentirem a humidade vivificante a penetrar-lhes as raízes, vinda daquele rio generoso.





E o Neiva sentia a palpitar-lhe, nas entranhas, cardumes de peixes de prata que o agitavam em breves ondas de prazer.
E o Neiva escutava, pelos ares que o dosselavam, um frémito de penas, um adejo de asas leves, da passarada gorjeante, de melros e rouxinóis.
Desde Gondinhaços, aconchegada ao rés do berço, que as casas rústicas, os grandes campos de lavoira, queriam tê-lo como espelho, a reflectirem-lhe a brancura da cal e a fertilidade pujante.
Também as azenhas beneficiavam da frescura e rapidez das suas águas, com as grandes rodas num giro constante, a prometer a bênção da farinha e do pão.
O luar inundava-o de doçura.
Os raios de Sol salpicavam-no de oiro.
Por fim, o Neiva chegou à largueza da foz, alagando rochedos vestidos de limos e praias de areias claras.
E viu o mar!
Com que orgulho o penetrou, se alargou por ele, se espreguiçou no sal das suas vagas altas, geladas, num arrepio salutar!
Com que orgulho o recebeu aquele mar profundo e rouco, sempre inquieto, sentindo-se maior e mais brando, na meiguice de acariciar de espuma o corpo fino dos areais, mostrando-se menos perigoso no oscilar do barco de pesca, no arremessar à costa as grossas tiras castanhas e oleosas do sargaço fertilizante.
E o Neiva, súbito, reconheceu que era ele a alma viril de seu pai, prisioneira da maldade de um feitiço, de novo a fecundar de abundância e a fazer progredir os seus antigos domínios, e a bondade da sua mãe a encher de beleza a paisagem e de amor o coração da terra.
E, tal como Deus, no final de cada dia criador do Universo, viu que tudo isto era bom.

# Lenda do Juiz do Soajo

Era uma vez um homem chamado João Congosta que exercia as funções de juiz na vila do Soajo, situada na aba da serra do mesmo nome, sobranceira ao Vale do Lima.
Isto passou-se há muitos e muitos anos, quando o Soajo era terra notável na defesa da fronteira com a Espanha, com foral concedido por D. Manuel e pelourinho onde se executava a justiça.
João Congosta era homem inteligente e honesto, admirado pelo povo que lhe aprovava as sentenças, quase sempre sobre pequenos delitos: o furto de um anho, por ocasião da Páscoa, ou de uns pés de coives galegas pelos frios do Natal. Mais sério, as sacholadas por via da mudança de um marco ou desvio de umas águas de regadio.
Mas, um dia, viu-se a braços com um crime grave, que pôs toda a vila em polvorosa: a morte violenta de um lavrador soajeiro abastado, mandado assassinar por um fidalgo dos Arcos de Valdevez, que lhe devia um grosso de moedas.
O caso levou seu tempo a resolver, com buscas e interrogatórios dos culpados, falsas juras de inocência, provas forjadas, o diabo!
Todavia, João Congosta acabou por desdobar a meada dos enredos e julgar, com saber e severidade, condenando o fidalgo e os seus cúmplices à pena máxima.
O pior é que o principal criminoso tinha padrinhos na Corte, gente pronta a influenciar El-Rei contra a sentença do juiz do Soajo, que descreviam como um pobre rústico, estúpido e ignorante.
Impressionado com tais palavras de mentira e de intriga, El-Rei remeteu o caso aos seus juízes que, por sua vez, convocaram João Congosta para mais perfeitos esclarecimentos.
João Congosta era um homem simples e que apenas uma única vez saíra da sua vila, indo, por dever de profissão, até à vizinha Arcos, sede do seu julgado.
Recebeu, pois, com desagrado, aquela intimação para se deslocar à Corte.
Mas, embrulhado na sua inseparável capa de estamenha usada nas audiências, ala!, até ao porto de Viana, onde embarcaria para Lisboa, pois a viagem por terra era demasiado morosa e insegura.
Desembarcado no Terreiro do Paço, a Capital perturbou-o, com o seu ruído, com o seu movimento de cavalos, bois, carroças e carruagens, gente de tantas raças, envergando



os seus trajos tradicionais, algum animal exótico, para pasmo popular, e um mercado vivo e colorido, soltando os seus pregões, exibindo os seus produtos do campo e de além-mar.
Depressa se dirigiu ao Paço Real, magnífico na sua arquitectura, atravessou, com dificuldade, as barreiras da soldadesca, dos lacaios e dos pajens, chegando, por fim, ao vasto salão, onde o aguardavam os seus colegas da Corte, comodamente refastelados em solenes cadeirões de magistrados. João Congosta procurou o seu, para um descanso, mas, sobretudo, para a tranquilidade de melhor ponderar e discutir.
Porém, todos eles se encontravam ocupados.
Os juízes da Corte não reconheciam, naquele labroste, vindo do cabo do mundo, sem modos nem pensamento, o direito à dignidade de uma cátedra.
O juiz do Soajo não hesitou.
Tirou dos ombros a capa das audiências, dobrou-a bem dobrada, num aumento conveniente de volume, pô-la no chão e sentou-se nela, ficando, assim, ao nível dos colegas, e aguardou que o consultassem sobre os motivos e a justeza da sua sentença.
Com uma admiração que, pouco a pouco, se ia tornando maior e mais entusiástica, os juízes da Corte viram que a sua própria experiência e sabedoria, e mesmo a manha com que obrigavam os réus a contradições e confusões de espírito, nada valiam ante a limpidez de raciocínio, a agudeza dos argumentos, o brilho da inteligência do parolo das serras, criado no convívio de gente boçal e entre matagais selvagens.
Terminada a sessão, todos louvaram a sentença de morte dada aos três assassinos, louvando, também, quem a proferira.
Levantou-se João Congosta e, com uma vénia, aproximou-se da porta de saída.
Então, um dos presentes advertiu-o que havia deixado,



por esquecimento, a sua capa das audiências no chão do salão.
Com voz bem alta e clara, ouvida por todos, João Congosta retorquiu, numa lição ao desprezo de que fora vítima, ao entrar ali:
- O juiz do Soajo nunca levou consigo cadeira em que se sentou!
Reconhecendo a grosseria que haviam cometido, os juízes da Corte coraram e baixaram os olhos, de vergonha.
João Congosta não quis ficar um instante mais em Lisboa.
Tomou o primeiro barco para Viana e não tardou a voltar a gozar a beleza da sua serra, a entregar-se às obrigações do seu cargo, a receber o respeito e amizade dos seus conterrâneos.



## Lenda da Luta Fratricida

Era uma vez dois irmãos, que haviam perdido os pais muito cedo e, sem grandes meios de fortuna, embora de uma família respeitada pela nobreza e honestidade, viviam numa grande casa de interiores modestos, no lugar da Argaçosa, na aldeia da Meadela, junto a Viana.
Sem primores de educação, devido à sua orfandade, os dois rapazes entregavam-se a uma vida boémia, mal cuidando de si próprios e da casa, num abandono ameaçador de miséria e de ruína.
Vendo os poucos haveres a desaparecerem, dia a dia, no jogo, nas refeições dispendiosas em restaurantes de luxo e as roupas no desleixo das nódoas e rasgões; vendo, ainda, a baixela quase reduzida a cacos e a poeira e o lixo a pesarem sobre os móveis e o chão, decidiram procurar uma criada que lhes melhorasse as precárias condições de vida e os salvasse de um fim dramático.
E, porque a tarefa de lhes governar a casa pedia um ânimo jovem, contrataram os serviços de uma moça do campo, afeita à canseira das lides da terra e do lar.
A nova criadita logo deu conta do recado, com grande satisfação dos patrões que começaram a ver as suas finanças equilibradas, as refeições mais apaladadas, a roupa bem tratada e a casa limpa com esmero.
O pior é que a moça era bonita de cara e airosa de corpo.
Isto acabou por descobrir o irmão mais novo que começou a requestá-la, às ocultas, com valiosas oferendas.
E a rapariga, sensível a tais gentilezas, não tardou a enamorar-se do rapaz, sonhando passar, em breve, de serva a patroa.
O namoro chegou a tal ponto que o rapaz resolveu confessar aquele amor ao irmão mais velho, bem como o propósito de fazer a criadita sua esposa.
Deu o mais velho por paus e por pedras com a confissão.
Na sua posição de morgado, jamais consentiria casamento tão desigual, que iria indignar a parentela e manchar, com o sangue plebeu de uma simples camponesa, a prosápia dos seus pergaminhos.
Mas esta reacção tinha, afinal, uma justificação secreta.
É que também ele se deixara conquistar pelos encantos da moça.



A partir daí, uma onda de ciúme começou a azedar as relações entre os dois irmãos, com brigas e insultos.
Numa ocasião, o irmão mais velho quis ausentar-se, em viagem de recreio.
Ao regressar, avisou o irmão que iria despedir a causadora dos constantes conflitos entre eles, pois arranjara uma nova criada, bem mais eficiente.
Não tolerou o mais novo tal decisão do mais velho.
E, transtornado com a notícia que lhe atingia o coração apaixonado, avançou para o irmão, disposto a defender, corpo a corpo, a presença, naquela casa, da sua namorada.
De repente, o mais novo sacou de uma navalha, que era a sua defesa nas noites de perigo pelos caminhos ermos.
E quis rasgar, com ela, o peito do irmão, agora seu inimigo.
Mas o mais velho também estava bem armado.
E, de navalha na mão certeira, procurou, igualmente, o peito do adversário.
Feridos de morte, os dois irmãos caíram no chão, com dois jorros de sangue.
Acudira a causadora inocente desse confronto terrível.
Ao ver o horror sangrento da cena, que lhe arrebatava à vida o seu amor, o coração rebentou-se-lhe no peito e, com um grito, tombou morta ao lado dos cadáveres dos dois irmãos.
A casa que assistiu, no silêncio do pavor, a toda esta tragédia, não mais consentiu que alguém a habitasse em paz, e, assombrada, começou a ruir, pedra após pedra, ocultando-se sob mato e ervas daninhas que, todavia, não conseguem apagar da memória aquele amor infeliz, aquela luta fratricida.

# Lenda das Pegadas do Santinho

Era uma vez um monte a quem chamavam Monte de Roques e ficava situado para os lados de Vila Franca, Mujães e Subportela, por onde desliza o rio Lima. Nos seus cimos, existira uma pequena povoação castreja, habitada por povos primitivos, dedicados ao pastoreio e à caça, pois, por aqueles píncaros, haviam-se ocultado, no escuro do arvoredo, a ferocidade do urso, a elegância da corça e o ímpeto sanguinário do javali.

O clã adorava, numa grande pedra erecta, o deus da fertilidade, e adorava, também, o Sol, como criador da vida, presidindo às colheitas, amadurando os frutos, aquecendo homens e animais.

Por vezes, a cobiça e a fome obrigavam aquela gente a empunhar o tosco das armas, em combates com outros castros mais prósperos, edificados em montes próximos, quer na margem direita, quer na margem esquerda do rio repousado.

No decorrer dos séculos, várias gerações destes clãs escutaram, alarmadas, vindo da fundura do vale, a cavalgada desordenada das hordas bárbaras, a disciplina cadenciada das legiões de Roma e o desfilar branco dos albornozes  islamitas.

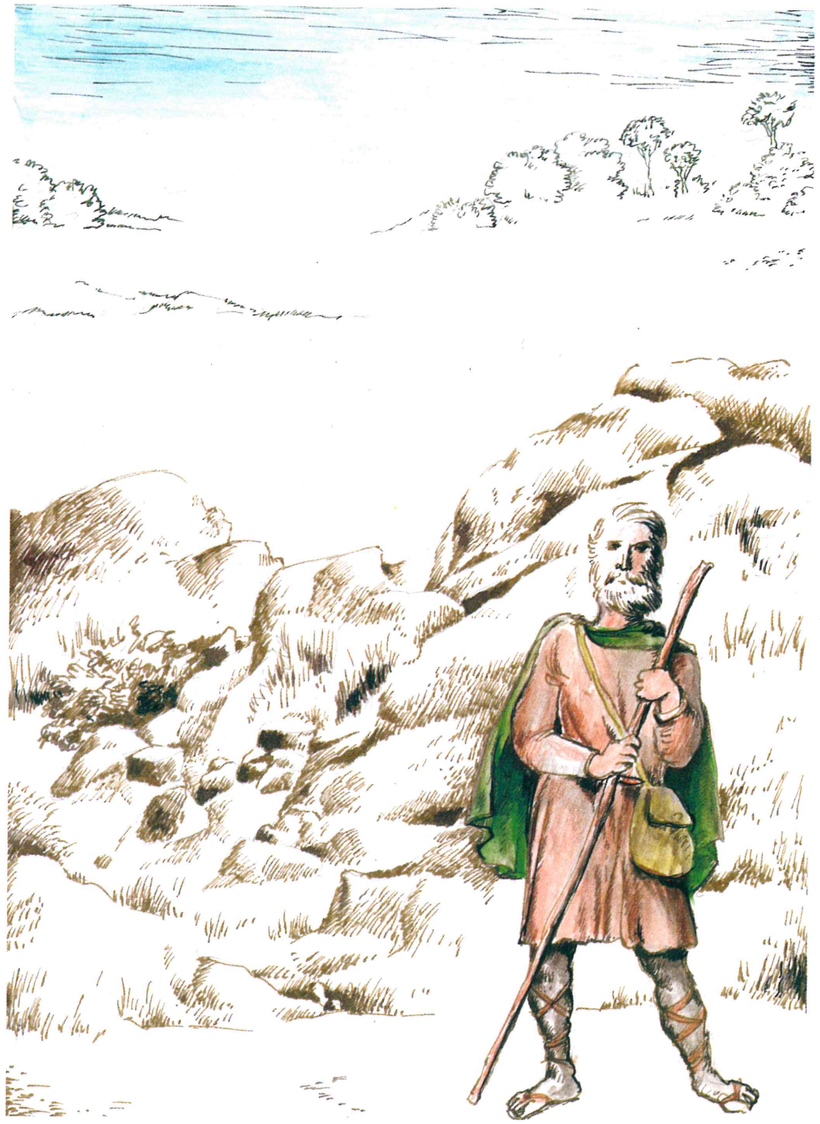
Mas todos estes invasores belicosos passavam ao largo do Monte de Roques, perdendo-se na distância, sem, todavia, deixarem um rasto de desolação, searas queimadas, pomares e vinhedos devastados, rebanhos dizimados.

Ora, um dia, trepou aquele monte um homem estranho, encanecido pela idade, de grandes barbas revoltas, vestindo uns farrapos de estamenha e calçando umas sandálias gastas e empoeiradas.

Vinha apoiando o corpo trémulo a um bordão grosso e nodoso, com que ia tacteando os córregos ásperos e tortuosos. Ninguém lhe sabia o nome, nem de onde vinha, nem para onde ia. Com falas mansas mas firmes, pediu pousada na choupana mais humilde da aldeia. Embora ignorantes de todo o seu passado, as crianças, os velhos e os doentes souberam estar na presença de um homem bom e piedoso, pois que tinha, para eles, sempre a simpatia de um sorriso, o carinho de um afago e a ciência de um unguento para alívio das dores e cura de feridas.

Pouco a pouco, todos os habitantes do castro começaram a ver, nele, um espírito ardente de fé e caridade.





Pelas noites calmas, quando o povo se reunia ao redor de uma fogueira, para um convívio alegre, onde comentava a vida familiar, os trabalhos do campo, os episódios da caça, evocando, ainda, lances de antigas guerrilhas, entre vitórias e derrotas, o estranho homem erguia-se do seu lugar mais apagado e falava. Falava de quê?
De prodígios e mistérios. De um Deus clemente, único e universal, cujo filho, Jesus Cristo, enviara à terra para salvação das almas. Falava-lhes dos seus milagres e das suas parábolas santas que eram o Caminho, a Verdade e a Vida. Escutavam-no em silêncio, com estima e com respeito.
Ninguém lhes havia falado assim, do mundo e do além, do bem e do mal, com tal convicção, com tal fervor.
E começaram a ver na santidade daquele homem, que lhes despertava a alma com tal doutrina sublime, igualmente o perfil de um chefe que os orientasse nas lides quotidianas, que os guiasse na paz e na guerra.
E logo o convidaram para tão alto cargo que os honraria.
O santo homem ouviu, com seriedade, o convite, mas recusou- se a aceitá-lo, dizendo--lhes que a sua missão, ali, havia terminado.
E que partia satisfeito por deixar, naquele castro do Monte de Roques, mais uma comunidade cristã, consciente do seu credo e disposta a defendê-lo e a divulgá-lo.
Nascia um dia primaveril, radioso, com o Sol a iluminar, mais verde, a paisagem de pinheirais, a florir de oiro as austrálias e as mimosas, a reflectir o azul do céu nas águas do rio. O homem trepou para um enorme rochedo, que lhe era miradoiro maravilhoso sobre tudo em redor, e, ante o arrebatamento de todos, ergueu ao alto o seu cajado de madeira, lançando-o para longe, em direcção ao monte vizinho, onde outro castro espreitava, sombrio e hostil.
Depois, sem hesitar, desceu até ao vale, entre alas comovidas, e desapareceu, num brilho fulgurante de Sol, para as bandas do mar. Na rocha que calcara, nesse dia do adeus, ficaram-lhe gravadas, com nitidez, as marcas das sandálias.
São as "pegadas do Santinho", como lhes chama a tradição devota.
E aquele monte, para onde arremessara o cajado, passou a chamar-se Monte do Santinho,



pois também ali passou a reinar a paz e a felicidade.
É pena que não se conheça o nome deste Santinho.
Se se conhecesse, fazíamos-lhe subir a imagem aos altares e, em data certa, havíamos de festejá-lo com missa solene e procissão, ao bimbalhar dos sinos, e, pela noite, com um arraial radiante de foguetório e do balancear dos viras.
E punhamos-lhe aos pés, cestos de rosas. De muitas rosas.

# Lenda da Veiga da Matança

Era uma vez uma veiga a que chamam a Veiga da Matança, em terras de beleza e viço dos Arcos de Valdevez.
O seu nome nasce da convicção popular de que, em 1143, aí se travou uma batalha sanguinária entre as hostes de D. Afonso Henriques e as de seu primo, o imperador e rei D. Afonso VII, de Leão.
O motivo da contenda residia na quebra do tratado de Tuy, em que o primeiro rei de Portugal prometia vassalagem ao soberano vizinho.
Mas D. Afonso Henriques era um espírito rebelde, valente e determinado, disposto a fazer do Condado Portucalense que exigira, pelas armas, a sua mãe D. Teresa, um país independente e dilatado à custa das conquistas dos territórios da Moirama, a estenderem-se do Mondego ao reino do Algarve.
Tivera, já, sob a protecção divina, uma batalha decisiva, nos campos de Ourique, além-Tejo, contra cinco reis moiros.
Como memória desta vitória e da milagrosa presença de Cristo, pois a lenda afirma o seu aparecimento ao rei, encorajando-o à luta contra os infiéis, a bandeira de D. Afonso Henriques passou a ostentar, em cinco quinas, as cinco chagas do Crucificado.
Sabendo da entrada do imperador pelo norte do país que estava a construir, com entusiasmo, o rei português sobe aos Arcos, disposto a terçar armas pelos direitos do seu sonho patriótico.
E foi ocupar logo, para dar batalha, um lugar privilegiado, o alto Castelo de Santa Cruz, onde os seus cavaleiros aguardaram, impacientes, o inimigo leonês.
Em piores condições encontra-se D. Afonso VII, à frente das suas mesnadas.
Combater o primo, em tais apuros, era uma temeridade!
Então, sabiamente aconselhado, propôs a D. Afonso Henriques o encontro dos dois exércitos na planura da veiga, não para a violência de uma batalha, mas apenas para a destreza de um torneio, ou bafordo, como então era chamado.
Assim, cada cavaleiro português desafiava um cavaleiro leonês, para um confronto singular.
E venceria quem mais inimigos houvesse derrubado.
D. Afonso Henriques aceitou o repto e, rodeado de bons e esforçados cavaleiros,



experientes em manejar a lança e a espada no corpo do contendor, saiu-se vencedor do bafordo, obrigando o imperador a regressar aos seus domínios de além-Minho.
Pouco tardou que D. Afonso VII não assinasse um armistício com o primo português, aceitando-lhe, diante de um alto dignitário da Igreja, o título de rei.
Graças ao acordo entre os dois monarcas, a veiga arcuense assistiu, assim, não a uma carnificina, mas quase a um espectáculo palaciano, embora temerário, que, noutras circunstâncias, poderia, até, ser admirado por damas e donzéis, entre guiões de seda e ornamentos de festa. Mas a lenda sobrepõe-se à História. E, séculos atrás de séculos, o povo olha a pujança pacífica daquela extensa veiga cultivada, como local fatídico de uma horrenda batalha, com a terra empapada em sangue, cavalos desventrados, guerreiros agonizantes, segurando, ainda, na mão exangue, lanças, escudos, espadas, gemendo de dor, suspirando de morte.
Incólume, no meio desta hecatombe, empunhando a branca bandeira das quinas, montando um cavalo banhado de espuma, mas de crinas agitadas ao vento da glória, qualquer pode imaginar o vulto espesso e nobre de D. Afonso Henriques, o rei-herói, anunciando, naquela veiga, naquela matança, o Dia Primeiro de Portugal!



# Lenda da Moira Encantada de Giela

Era uma vez um rei moiro, cujo nome se perdeu na memória dos tempos.
Viera d'além-mar, com outros reis e guerreiros da sua raça, levando de vencida o povo cristão até às montanhas das Astúrias, onde este encontrou reduto e alcançou coragem para expulsar, por fim, o invasor e o inimigo da fé.
O rei habitava um esplêndido palácio, rodeado de conforto e de riqueza, com os seus pátios rendilhados e as suas fontes jorrando frescura, com os seus jardins aromáticos de flores, num lugar altaneiro, chamado Giela, avistando a paz de um vale, por onde desliza, entre salgueirais, manso e transparente, o rio Vez.
Tinha o monarca uma filha muito formosa, que mantinha encerrada nas salas e aposentos do seu palácio, longe das vistas dos seus vizires e cavaleiros, reservando-a para um casamento com algum califa vizinho que lhe aumentasse a fortuna e o território.
Não lhe permitia, mesmo, assumar a uma janela para contemplar a paisagem que as aias e os criados lhe diziam ser maravilhosa.
Um dia, porém, a princesa conseguiu que a obediência e simpatia dos seus servos lhe ajaezassem um dos cavalos do pai e, ao raiar de um dia calmoso de Verão, cavalgou, livre, sozinha, até às margens do Vez.
É difícil de imaginar o seu contentamento e o seu encantamento!
Desmontando do veloz ginete e descalçando a delicadeza das suas babuchas bordadas a oiro, mergulhou a perfeição dos pés morenos na claridade da corrente.
Súbito, ao erguer os olhos para a margem oposta, viu sair do bosque que a circundava um jovem cavaleiro revestido de uma armadura prateada, montado num soberbo cavalo branco, de compridas crinas oscilando à brisa matutina.
Era decerto um guerreiro cristão, perdido do seu exército.
Trazia na mão, coberta por um guante de ferro, um altivo pendão, desenrolando a heráldica de um brasão, onde se erguia um castelo de oiro em fundo vermelho.
O cavalo branco curvou o pescoço elegante para beber, a largos haustos, a água límpida do rio.
Então, os olhos azuis do cavaleiro, como um céu muito puro, mergulharam nos olhos da princesa, negros como as trevas da noite.





E dir-se-ia que uma flecha de amor atravessou, silvando, ambos os corações.
Nesse exacto momento, surgiram, por detrás da princesa, duas dezenas de soldados moiros que, respeitosamente, a convidaram a regressar ao palácio, onde o pai a esperava, numa preocupação.
Mas, vendo, na outra margem, o cavaleiro cristão, atravessaram o rio, com grande restolhar de água, para lhe dar combate.
Ante o desespero da princesa, foi breve o entrechoque das armas, tão desigual! Feridos pela espada do cavaleiro, alguns soldados ficaram por terra, sangrando e gemendo.
Mas os restantes, em altos brados, foram em perseguição do jovem inimigo, que se embrenhou na mata, sem possibilidade de espedaçar, um por um, aquele numeroso grupo de infiéis.
Lamentando um amor tão cedo desaparecido, a princesa voltou aos braços do pai, jurando, no entanto, jamais conceder a mão de esposa senão àquele cavaleiro dos olhos azuis que lhe arrebatara o coração.
E, na esperança de o reencontrar, descia constantemente até ao Vez, e ali ficava carpindo-se, com os olhos rasos de água, vendo-lhe as margens desertas.
Assim passaram anos.
Assim passaram séculos.
Mas, ainda hoje, na paisagem adormecida, há quem consiga adivinhar, junto à placidez do rio, um vago vulto de mulher, com um leve véu ocultando-lhe a formosura do rosto, olhando fixamente o escuro arvoredo da margem.
É a moira de Giela, aguardando que surja, do segredo da noite, um cavalo branco montado pelo jovem cavaleiro de olhar azul, revestido de prata e trazendo, na mão, a heráldica de um pendão, onde, em fundo vermelho, brilha um castelo de oiro.



## Lenda do Mosteiro de Ermelo

Era uma vez um rei chamado Ordonho II, que governava as Astúrias e todos os territórios para o Sul, conquistados aos guerreiros do Islão.
Neles, figurava o Vale do Vez, com as suas altas montanhas e a beleza do seu rio.
Tinha uma filha: D. Urraca, princesa piedosa, protectora de igrejas e conventos, devotamente dedicada à divulgação da fé cristã, em que dispendia grande parte das suas riquezas.
Um dia, decidiu fundar um Mosteiro para frades, em lugar sossegado e fecundo, rodeado de vegetação e boas águas, onde vicejasse uma horta e frutificasse um pomar; onde houvesse ermos floridos para meditação, vinhedos e trigais que fornecessem o pão e o vinho para o mistério eucarístico e a sobrevivência da comunidade.
Com o consentimento real, acompanhada das suas aias e alguns soldados protectores, meteu pés a caminho, por montes e vales do seu reino.
Chegada à Serra da Peneda, que lhe prometia larga vista sobre uma paisagem pacífica e alegre, o silêncio e a oração, começou a subi-la, com entusiasmo, parando, ora aqui, ora ali, para ganhar forças e melhor contemplar quanto a rodeava. Uma dessas paragens chama-se, ainda, Bouça das Donas, lembrando o arvoredo onde D. Urraca e as suas aias repousaram, abrigadas do Sol ardente.
Junto à vila do Soajo, onde se aconchegavam algumas casas de pedra e colmo, achou lugar apropriado para edificação do Mosteiro e logo contratou pedreiros para lhe abrir os alicerces.
Contente com o lugar que obedecia às condições desejadas, D. Urraca correu à Corte de seu pai, a participar a D. Ordonho a feliz decisão.
Perguntou-lhe a curiosidade do rei:
- E o que se avista dessas alturas?
Respondeu-lhe a princesa:
- Longes e longes. Vêem-se, para o Sul, as torres da Sé de Braga e o imenso casario da antiga cidade.
Para o Norte, as Catedrais de Tuy e de Ourense, junto ao rio Minho.
Para o Oeste, praias onde vão quebrar-se as ondas bravias do mar.



Para Leste, campos e montes sem conta, onde pastam rebanhos e cavalgam guerreiros dos vossos exércitos.
D. Ordonho manteve-se por uns momentos calado, com uma ruga na testa, como quem segue a seriedade de um pensamento.
Depois, disse a D. Urraca:
- Minha filha, gostaria bem de satisfazer a tua vontade de servir a Deus, com a construção desse Mosteiro. Mas não posso, para isso, dispender, em tal projecto, metade do meu reino. É demasiadamente grande esse horizonte. Terás que descobrir outro sítio menos amplo para morada dos teus frades.
Triste com esta decisão real, a princesa, todavia, não desistiu do seu intento e resolveu, então, mandar edificar o seu Mosteiro, não no desafogo dos cimos do monte, mas na profundeza do vale, quase oculto pela densidade das brenhas, sempre coberto de sombras, escutando um rio discreto, mirando a solidão do ermo.
E deu-lhe o nome de Mosteiro do Ermelo.

## Lenda dos Baptizados da Meia-Noite

Era uma vez um homem de idade avançada, mas saudável e musculado como um jovem. Vivia nas montanhas da Serra Amarela, em Ponte da Barca, e tinha o cargo responsável de pastor vigieiro, soltando o grito viril "Bota la rês!", quando a Primavera floresce os vales e as brandas se enchem de gado retouçante.

Espantava tanto vigor e alegria, capaz de animar, sem fadiga, o terreiro das romarias, no rodopio das danças e no lançar ao desafio, com voz bem timbrada, uma cantiga brejeira; de suportar, nos ombros alentados, o peso dos andores, ou segurar, firme, nas mãos, como vela de navio batida pelo vento, o pendão dianteiro da procissão; de voltear, com perícia, o varapau de lódão, a separar uma briga de feira, e de enfrentar, sem medo, a arremetida do lobo saído das brenhas.

Um dia, interrogaram-no sobre a causa de tanta energia, a origem da tanta coragem e força. Então, ele, como que em segredo, confessou o mistério dessa espantosa longevidade robusta:

Fora baptizado, à meia-noite, com as águas do Lima, ainda no ventre materno, pouco antes de ser dado à luz, para que o parto corresse bem!

O costume, tradicional, praticava-se, com frequência, muitos anos atrás, na confluência das terras dos Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e de Ponte de Lima.

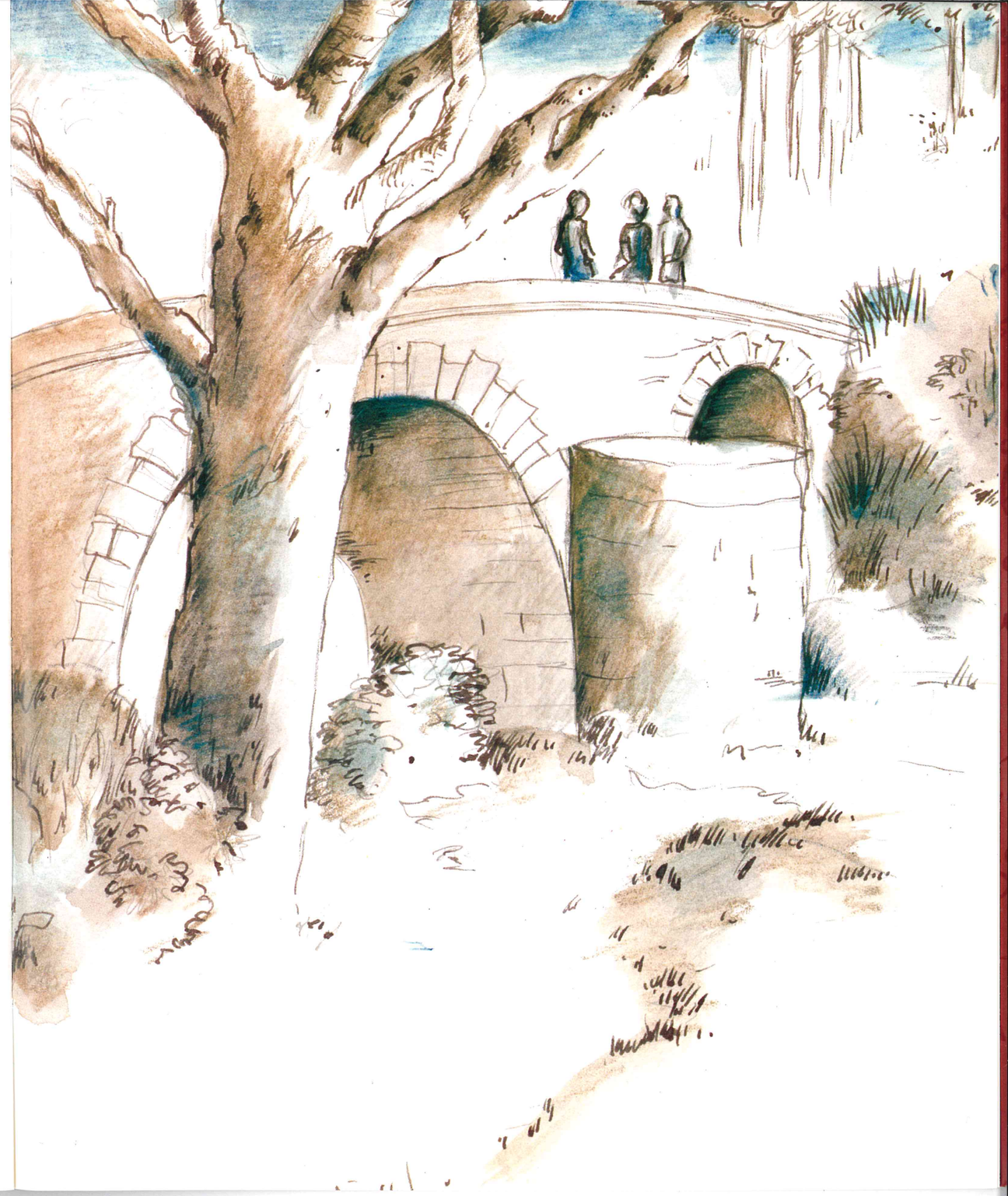
E conta-se em curtas palavras:

Quando uma mulher daquelas bandas atingia os últimos meses de gravidez, o marido e os parentes mais chegados levavam-na, de noite, até às margens do Lima, quanta vez descendo, com dificuldade, ásperos córregos de pedra solta e urzes, entre a bruteza dos matagais, à luz bruxuleante de uma candeia.

Chegados, alguns deles aguardavam, numa das estradas ladeando o rio, o aparecimento da primeira pessoa que por ali passasse, dada a meia-noite e antes de despontar o dia, convidando-a "a fazer uma alminha cristã."

Porém, se depois dessa hora, um cão ou um gato atravessassem o caminho, o baptizado ficava adiado.

Pelos tempos de Inverno, quando as noites são tempestuosas e as cheias e o regougar da corrente afastam o viandante, era difícil lobrigar padrinho. E também o baptizado sofria



uma inquietante espera, às vezes, de dias.
Mas, se a sorte era propícia, o padrinho improvisado chegava junto da grávida e, com um ramo de oliveira, aspergia água do Lima sobre o ventre volumoso da futura mãe, rezando em cruz:
- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!
Todavia, era da regra não pronunciar, nem ele nem os presentes, a palavra Amém.
O nome da criança seria apenas mencionado pelo sacerdote na pia baptismal.
E pronto.
O Baptismo da Meia-Noite estava, assim, concluído.
Segundo a convicção do povo, quem receba, em tais circunstâncias, a bênção da água do Lima, nascerá de um bom parto e terá à sua frente uma vida feliz e prolongada.
Da verdade desta crença singular é testemunha aquele velho pastor de Ponte da Barca, admirável de juventude.

© 2002, Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima
Antigos Paços do Concelho, 2º andar
4990-062 Ponte de Lima
**Tel** 258 909340 | **Fax** 258 909349
**E-mail** valima@valima.pt

Título
Lendas do Vale do Lima

Autor
António Manuel Couto Viana

Ilustração
António Vaz Pereira

Design Gráfico
xpto design

Impressão e Acabamento
Gráfica Maiadouro

Edição e Produção
Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima

Vale do Lima, Abril de 2002
10. 000 exemplares
Depósito Legal Nº 575 376/02
ISBN - 972-97510-5-6

**António Vaz Pereira** nasceu em Valença em 1929, formou-se em Direito na Universidade de Lisboa e seguiu a carreira diplomática, havendo-se reformado no posto de embaixador.
A sua actividade artística iniciou-se em 1948, no jornal infanto-juvenil *Camarada*, onde deixou muitas ilustrações e banda desenhada. De 1950 a 1954 foi director artístico de *Távola Redonda*, sendo o seu principal ilustrador; da *Colecção de Poesia* das mesmas folhas, de que desenhou todas as capas, e, de 1956 a 1957, da revista de cultura *Graal*.
Ilustrou, ainda, vários livros da autoria de grandes nomes da literatura portuguesa e obras como *As Mil e uma Noites*.
Como cenógrafo e figurinista trabalhou para o Teatro da Mocidade, Teatro da Companhia de Educação de Adultos e Companhia Nacional de Teatro.

cera, sem pressa, entre espessas penhas, numa se-
débil pela distância, dos altos montes revestidos
liso. Não tinha nome, ainda. O povo que lhe usa
da lenha; a faca lascada para dilacerar a rês,
a o gado e lhe raptava a mulher. Pela calma do
rebanhos até às areias finas das margens, a beber
lo passo duro e cadenciado do soldado estranho. A
as lajeadas, as pontes, os aquedutos, as muralhas
as invadiam, implacáveis, o bucolismo da paisage
ões e o tropear febril dos cavalos. E, um dia,
ros, constelados de águias, sacudidos por uma bri
estar diante daquele rio Lethes, o Rio do esqu
porquê? Porque se dizia que quem ousasse atra
los avisos desta condenação, todo o exército se
m que o levaria, sem perigo, à margem oposta
meaçou a desobediência com a prisão e a mor
eliz. Apeando-se do seu ginete, atravessou, lesto
da [illegible] areal da margem dire
[illegible] convenceu os seus soldados que, afinal, o rio que

Arcos de Valdevez | Ponte da Barca | Ponte de Lima | Viana do Castelo

ON | Valorização Regional
Programa Operacional da Região do Norte

UNIÃO EUROPEIA
FUNDOS ESTRUTURAIS